PLACAR

ED. 1517 NOVEMBRO 2024 R$ 19,90
7 893614 113111

ENTREVISTA
Boleiro à moda antiga: Arana quer mais taças (e provocações) pelo Galo

PERFIL
El Gato Lucero além dos gols: o artilheiro do Fortaleza abre o jogo

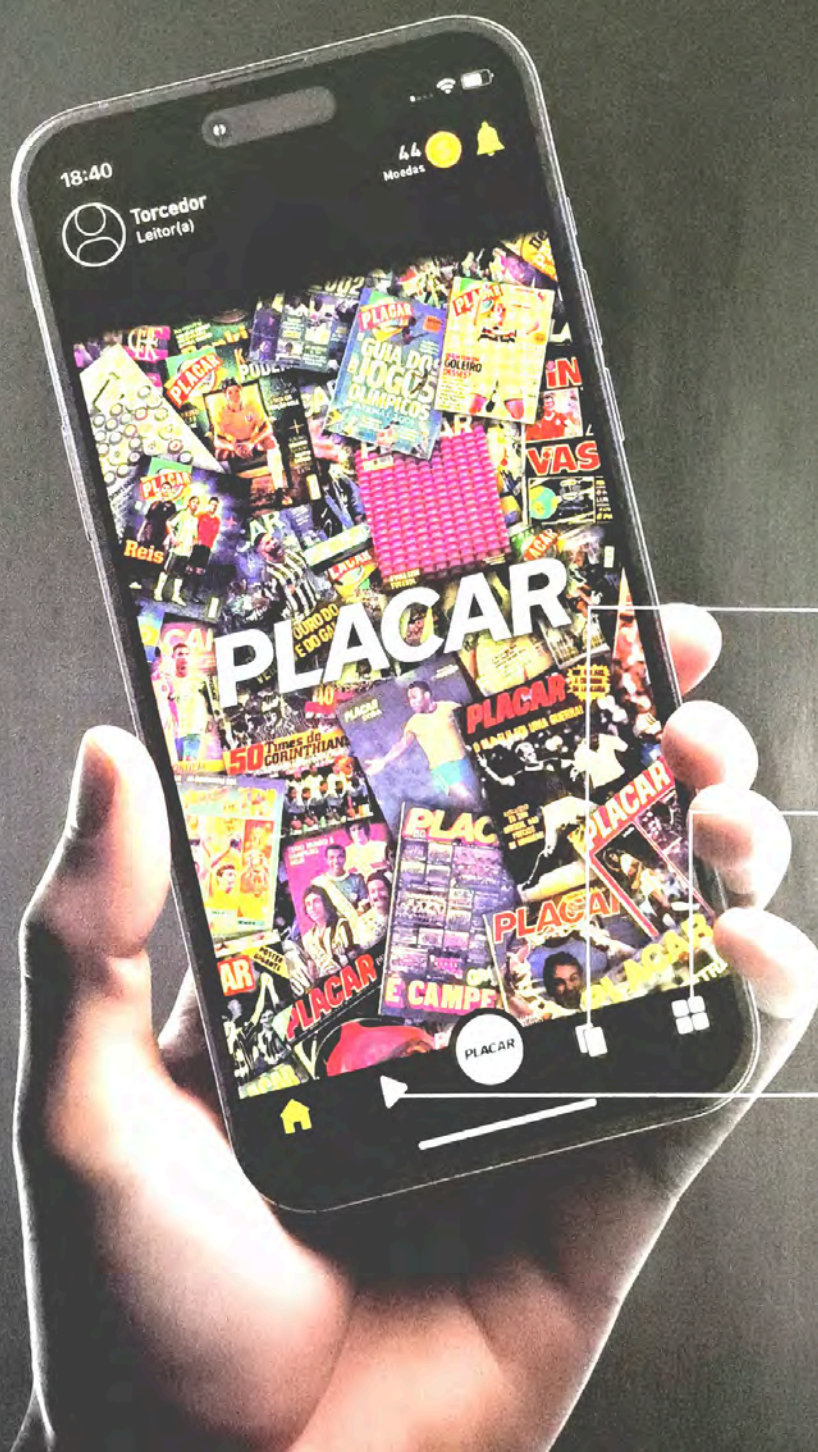
BOLA DE OURO
POR QUE O FUTEBOL FICOU EM SEGUNDO PLANO COM O PRÊMIO A RODRI, E NÃO A VINI JR.

YURI ALBERTO DEIXA A MÁ FASE (E OS MEMES) PARA TRÁS E LIDERA REAÇÃO DO CORINTHIANS. À PLACAR, ELE NARRA SUA REDENÇÃO PESSOAL

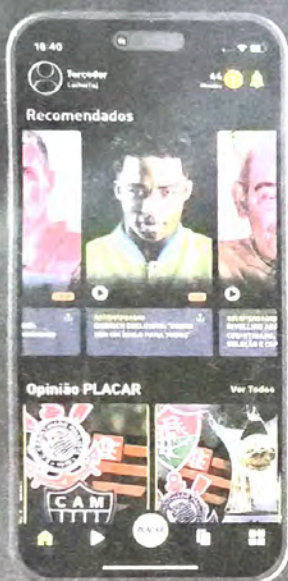
NUNCA CRITIQUEI

AGORA A PLACAR CABE NA PALMA DA SUA MÃO

A TRADICIONAL REVISTA BRASILEIRA AGORA ESTÁ NO MUNDO DIGITAL PARA UNIR, EMOCIONAR, CONTAR E RECONTAR A MAIOR PAIXÃO DO BRASIL! SAIBA UM POUCO MAIS SOBRE PLACAR DIGITAL, O NOVO APP DA PLACAR!

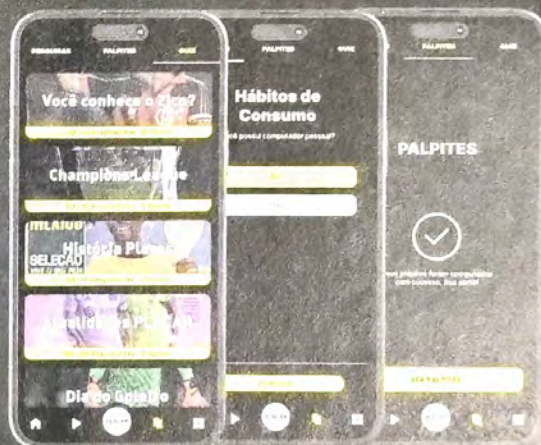
Um novo jeito de curtir a paixão pelo futebol através de conteúdos, interações e recompensas, com toda a emoção e a credibilidade da PLACAR.

O app PLACAR Digital chegou para revolucionar a maneira como os torcedores vivenciam o futebol, oferecendo uma experiência única de conhecimento, entretenimento e diversão. Com a plataforma, os usuários podem se envolver em análises detalhadas de seus clubes favoritos, desfrutar de conteúdos exclusivos, acessar o calendário das partidas, ficar atualizados sobre as novidades com notificações e participar de sorteios de prêmios incríveis.

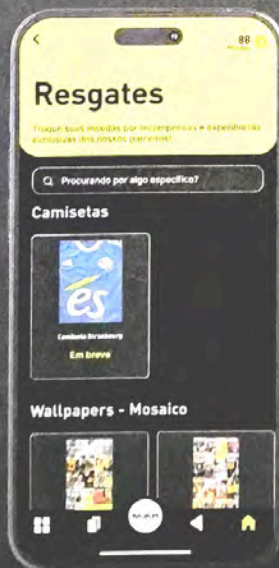
"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol, combinando a paixão pelo esporte com informação de qualidade e diversão garantida", destaca Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do aplicativo. E tudo isso é possível graças a funcionalidades inovadoras e ao melhor conteúdo.

> **"PLACAR Digital proporciona uma jornada completa de imersão no mundo do futebol"**
>
> *Fábio Palma, CEO da ONEFAN, desenvolvedora do app PLACAR DIGITAL*

1. CONTEÚDOS

Os usuários têm à disposição uma série de conteúdos diários para se manterem atualizados sobre o mundo do futebol, incluindo vídeos, notícias, entrevistas exclusivas e acesso aos bastidores, proporcionando uma experiência informativa e envolvente.

2. INTERAÇÕES

Os fãs têm a oportunidade de participar de quizzes temáticos, pesquisas e palpites de jogos e, com isso, ganhar moedas digitais, que podem ser trocadas por prêmios especiais.

3. RESGATES

Os torcedores podem aproveitar suas moedas conquistadas no app para resgatar super recompensas, como ativos digitais, descontos em lojas, lugares privilegiados em estádios pelo país e MUITO mais.

Experimente agora mesmo o app PLACAR! Digital e divirta-se.

BAIXE AGORA

Google Play App Store

NÃO ERA ALARME FALSO

AFP

A edição 1517 de PLACAR que você tem em mãos teve seu fechamento atrasado em alguns dias, pois a revista não poderia deixar de destacar a eleição da Bola de Ouro, uma das mais controversas dos últimos tempos – e de frustrante desfecho para nós, brasileiros. A derrota de Vinicius Júnior, que terminou em segundo, atrás do novo número 1 do planeta, o volante espanhol Rodri, do Manchester City, foi triste e, sim, injusta, mas não tão surpreendente, ao menos para quem leu a PLACAR 1514, de agosto.

Aos 24 anos, o atacante carioca do Real Madrid era apontado como favorito para faturar a honraria e assim encerrar um jejum brasileiro que perdura desde 2007, quando Kaká foi eleito o melhor jogador do mundo no prestigioso pleito da revista *France Football*. As estatísticas, os títulos conquistados e o protagonismo absoluto no time merengue autorizavam o otimismo. No entanto, nem mesmo a excelente forma de Vini Jr. neste início de temporada – somada ao fato de Rodri estar lesionado – foi capaz de convencer a maioria dos 100 jornalistas votantes, um de cada país integrante do top 100 do ranking da Fifa.

A escolha causou revolta antes mesmo do anúncio oficial. Ao saber antecipadamente que Vini não seria o Bola de Ouro, o Real Madrid cancelou a ida de sua comitiva ao Théâtre du Châtelet, em Paris, mesmo tendo outros premiados, como o técnico Carlo Ancelotti. Um boicote histórico. O atacante revelado pelo Flamengo manteve seu discurso corajoso nas redes: “Eu farei dez vezes se for preciso. Eles não estão preparados”. Conforme PLACAR alertou há três meses, Vini não era unanimidade, longe disso. É visto com antipatia por boa parte da crítica mundial, por diferentes razões. Uma delas, sem dúvida, causa ojeriza.

Ao lutar bravamente contra o racismo nos campos espanhóis, o brasileiro se tornou um ícone mundial, mas também incomodou uma parcela considerável de poderosos (e preconceituosos). As reclamações em excesso, os bate-bocas em campo e as atuações apagadas pela seleção brasileira também enfraqueceram sua candidatura. A recente capa de PLACAR, que repercutiu no Brasil e no mundo, naturalmente, não representava nosso desejo, nem nossa posição isenta – sem qualquer pachequismo, os números comprovam que ninguém jogou mais bola que Vini na temporada –, mas a antecipação de um movimento inesperado. Jornalismo.

Na reportagem que começa na página 34, PLACAR comparou os feitos do atacante merengue aos de Rodri e relembrou outras Bolas de Ouro para lá de contestáveis. Que o prêmio da Fifa, ainda sem data definida, traga mais justiça.

O novo número 1: conforme antecipou PLACAR, Rodri era a grande ameaça para Vini Jr.

CAPA: ALEXANDRE BATTIBUGLI

O Instituto PLACAR, pé solidário da revista, marcou um golaço entre setembro e outubro. A primeira edição da Copa PLACAR Comunidades reuniu 240 crianças, de quatro regiões carentes de São Paulo, para cinco finais de semana de futebol e solidariedade. Caveirinha, Figueira Grande, Panorama e Rosana levaram suas escolinhas de futebol nas categorias sub-11, 13 e 15 para a competição valendo troféu e medalha. O instituto distribuiu chuteiras, uniformes, lanches e cestas básicas e recebeu dos jovens uma "alegria que não tem preço". Confira como foi o evento na página 54 e saiba como ajudar em ***www.institutoplacar.org.br.*** ■

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Voluntários de PLACAR contribuíram para a realização da 1ª Copa Comunidades

revistaplacar

@placartv

@placar

placar.com.br

contato@placar.com.br

ÍNDICE

6 **FOTOS DO MÊS**

12 **CAPA**
Sai, zica: Yuri Alberto diz que se sentiu humilhado durante má fase e narra sua redenção pelo Corinthians

20 **ENTREVISTA**
Ele dribla, faz gols e ainda provoca os rivais: Guilherme Arana, do Galo, o lateral à moda antiga

28 **PERFIL**
El Gato: Lucero, o artilheiro argentino do Fortaleza, abre o jogo em sua primeira exclusiva no Brasil

34 **BOLA DE OURO**
O que explica a vitória de Rodri sobre Vinicius Junior e por que ela deve ser profundamente lamentada

38 **ESPECIAL**
Futebol na diagonal: como a pirataria dominou o ramo dos direitos de transmissão

44 **SOBE E DESCE**
O segredo do sucesso de Novorizontino, Mirassol, Volta Redonda, Athletic e Retrô, sensações das séries B, C e D

48 **CULTURA**
Amor a distância: PLACAR acompanhou a rotina de atleticanos, botafoguenses e *millonários* em bares de São Paulo

52 **FUTEBOL EUROPEU**
Bem-vindo à Era Slot: holandês é apenas o 21º técnico do Liverpool em 132 anos de história

54 **INSTITUTO**
Os destaques da 1ª edição da Copa PLACAR Comunidades, que reuniu 240 crianças de 11 a 15 anos

57 **PRORROGAÇÃO**
A foto icônica de Falcão em 1982, a razão dos apelidos dos craques e o time dos sonhos de Palhinha

66 **COLUNA**
Cartolouco: não deixem o jornalismo morrer

PLACAR

A marca PLACAR é licenciada pela Editora Score Ltda. e produzida pela Editora Abril

Publisher: Alan Zelazo

CEO: Gustavo Leme
Redator-chefe: Luiz Felipe Castro
Editor de Fotografia: Alexandre Battibugli
Editor de Arte: LE Ratto
Repórteres: André Avelar, Enrico Benevenutti, Klaus Richmond e Rodolfo Rodrigues
Diretor Comercial: Sandro Santos
Executivo Comercial: Milton Lima
Planejamento: Guilherme Fortis
Mídias Sociais: Bruno de Giovanni, Jéssica Gomes, Jéssica Souza, Marcio Komesu e Mariana Denegri
Estagiários: Guilherme Azevedo, Helo Vasilian e Pedro Cohem
Revisão: Renato Bacci
Equipe de vídeo: João Vitor Fagá e Marcelo "Celu" Lima

Colaborou com esta edição:
Kaio Lakaio (pesquisa de fotos)

Redação e Correspondência:
Av. Magalhães de Castro, 4800 - Torre Continental, 9º andar
Cidade Jardim, São Paulo (SP), CEP 05676-120

PLACAR 1517 (EAN: 789.3614.11311-1), ano 54, é uma publicação mensal da Editora Score. Edições anteriores: venda exclusiva em bancas pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa (sujeito a disponibilidade de estoque). Solicite ao seu jornaleiro.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.
Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001

FUTEBOL SERTANEJO

Nas páginas a seguir, PLACAR publica as imagens vencedoras da segunda edição do Concurso de Fotografia promovido pelo Museu do Futebol. Inspirada na próxima exposição temporária do museu localizado no Estádio do Pacaembu, em São Paulo, a competição teve como tema "A Várzea e o Futebol" e distribuiu R$ 13 000 em premiações. Dos mais de 170 inscritos, o campeão foi Edson Carvalho, que capturou uma pelada durante o pôr do sol em Alagoas. "Frequento o sertão nordestino com assiduidade há três décadas. Uma região específica me encanta, a de Delmiro Gouveia, em Alagoas. Local onde o semiárido parece ter nascido, paradoxalmente a partir da beira do caudaloso Rio São Francisco. Sobrevivem naquela terra os fortes. Além dos homens e animais, as plantas, como o facheiro. Fotógrafo por gosto e profissão, amante do sertão e do futebol, aguardava pelo instante de juntar essas três paixões em uma única imagem. Tudo se deu em uma tarde de verão. Três planos – o céu e o Sol, a caatinga e o facheiro, a bola e os jogadores de futebol – e um campo de pó mágico do solo do sertão unindo esses planos. Era só o que planejara e... CLIC!", justificou o número 1.

EDSON CARVALHO

EDSON CARVALHO

CARLA CARMIEL

CARLA CARNIEL

DECISÃO NA TRIBO

O segundo lugar ficou com **Carla Carniel**, que capturou com um drone a final dos Jogos Indígenas de 2024 na aldeia Tapirema, em Peruíbe, litoral de São Paulo. "A ideia da imagem é evidenciar como o campo aberto no meio da mata atlântica e próximo ao mar mostra o impacto e a força do futebol na cultura nacional", afirmou Carla.

CAIO HENSON

CAIO HENSON

COCORICÓ

O fotógrafo **Caio Henzon** fechou o pódio do concurso do Museu do Futebol em um fim de tarde na favela de Heliópolis, zona sul de São Paulo. O campeonato local foi decidido nas penalidades pelas equipes EC Favela, o mandante, e Sabotagem FC, da favela do Brooklin, onde morou o rapper homônimo, morto em 2003. "Durante as primeiras cobranças de pênalti, percebi que um galo invadiu o campo pelo gol oposto e chegou até o lado onde estavam sendo cobrados os pênaltis. Para minha felicidade, consegui registrar a sequência da defesa do goleiro William que garantiu o título para o time da casa, com o galo como parte da composição", diz Caio.

HUMILHADO PUBLICAMENTE, ALVO DE CHACOTA, MEMES E PIADINHAS ATÉ ENTRE TORCEDORES DO CORINTHIANS DURANTE A MÁ FASE, YURI ALBERTO SUPORTOU TUDO. AOS 23 ANOS, ELE ENTENDEU QUE PRECISA SER TÃO BOM COM A CABEÇA QUANTO COM OS PÉS. AGORA EM ALTA, FORTALECIDO, QUER AJUDAR O TIMÃO A TERMINAR O ANO COM A MESMA PAZ DE ESPÍRITO QUE ELE PRÓPRIO ALCANÇOU EM 2024

Por: Klaus Richmond e Luiz Felipe Castro
Foto: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

BURRO, EU?

Aquele sorriso: com ajuda de colegas, familiares e uma psicóloga, atacante recuperou a alegria perdida no início do ano

“T

"Tu é burro? Tu é burro?" À beira do gramado do estádio Primeiro de Maio, em São Bernardo do Campo, a voz de Mano Menezes se sobrepôs a cada um dos 6 783 presentes no local. O técnico não aguentou. Irritado com a derrota parcial por 1 a 0 do Corinthians para os donos da casa, mesmo com um jogador a mais desde os 13 minutos do primeiro tempo, devido à expulsão do volante Rodrigo Souza, chutou o balde após ver Yuri Alberto cometer falta boba em disputa de bola com o lateral Vitor Ricardo.

Atônito, o atacante corintiano parecia não acreditar. Tentava confirmar com Wesley as palavras que ouvira. Sem resposta, começou a orar. Pela primeira vez na vida, o campo de futebol estranhamente já não era um lugar confortável para ele. Não conseguia mais pensar no jogo. A torcida adversária tripudiava: "Burro... burro... burro".

Yuri Alberto mergulhou emuma espécie de universo paralelo até ser substituído minutos depois por Arthur Sousa. Na saída, Mano foi ao encontro do jogador para explicar o ocorrido: "Não foi pessoal". Ele rebateu com o dedo em riste: "Não precisa me chamar de burro para o estádio todo ouvir". Abraçou o comandante e ao pé do ouvido lhe fez um último clamor: "Só peço, por favor, que o senhor nunca mais fale assim comigo".

O episódio acima é a parte mais sensível do drama vivido pelo camisa 9 em 2024, um verdadeiro inferno astral. Ele foi ao fundo do poço. Humilhado publicamente, criticado por erros técnicos e ironizado por torcedores até durante os aquecimentos antes dos jogos, ainda virou o alvo preferido em memes, produzidos a cada escorregão ou finalização para fora.

"Este ano passei por momentos de muita humilhação. Hoje me sinto feliz e leve de poder comentar sobre esse episódio, tudo isso me incomodava muito. Durante os jogos os torcedores repetiam o 'burro' que ele falou. No aquecimento eu fazia um gol e a torci-

ALEXANDRE BATTIBUGLI

da comemorava como se fosse no jogo, aquilo para mim era uma chacota, me deixava muito desconfortável. Tive resiliência para passar por isso", conta à PLACAR.

O largo sorriso que o acompanha como uma espécie de marca pessoal havia ido embora. Ouviu de funcionários, entre eles Mancha, o chapeiro do CT, que já não era mais o mesmo. "Não estou aguentando mais te ver assim", chegou a dizer o colega em um dos cafés da manhã. Nomes experientes do elenco como o ex-volante Paulinho e o goleiro Cássio, hoje no Cruzeiro, buscavam motivá-lo em conversas. Nada funcionava até a chegada do técnico António Oliveira. "Ele me deu uma força enorme, me abraçou. Foi com o António que comecei a alavancar. Voltei a fazer gols na Sul-Americana, nos últimos jogos do Paulista e no começo do Brasileiro. Ele falou que eu só precisava de carinho", relembra.

A má fase, de fato, começava a ir embora. O resiliente camisa 9 virou o jogo: pôs fim aos jejuns, às piadas e virou o artilheiro do Corinthians no ano, já tendo atingido em outubro a melhor marca de gols em uma única temporada na carreira (*confira os números na pág. 18*). "[O Mano] está desculpado, não guardo mágoas de ninguém. Uma vez o Felipe Melo quase quebrou minha perna em

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Chuva de gols: opção constante de passe para o maestro Rodrigo Garro, Yuri alcançou sua temporada mais artilheira

um Santos x Palmeiras [em 2020], mas é um cara por quem tenho um carinho imenso. Aconteceu, vida segue. Foi importante para mim, um amadurecimento." Em entrevista à ESPN, Mano se defendeu: "Não falei 'você é burro'. Perguntei: 'você é burro?' É muito diferente [...] Yuri foi extremamente bom caráter nos comentários que fez, porque tentaram o tempo inteiro me jogar contra ele. É um guri de caráter fantástico."

O fortalecimento do artilheiro não foi forjado só com este episódio ou os conselhos de António Oliveira, com quem mantinha amizade desde os tempos em que trabalharam juntos no

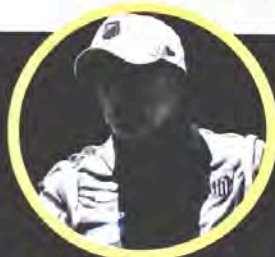
Santos. No período, ele abriu a cabeça para cuidados com a saúde mental. "Antes de querer se preparar fisicamente, ou de fazer algum trabalho técnico, a primeira coisa é ter esse controle emocional, sabe? Eu sempre tive muita dificuldade de me abrir", confessa.

Apesar da relação próxima com o pai, Carlos Alberto, a quem chama carinhosamente de Carlão, sentia-se bloqueado em tocar em dilemas pessoais. Carlão é figurinha carimbada na vida e na carreira de Yuri. Foi sua maior inspiração para o começo no futebol e o acompanha desde sempre: da transferência para o Santos, com apenas 11 anos, até hoje na missão que divide diariamente com um amigo da família de levá-lo de São José dos Campos, onde mora, para os treinos no CT Joaquim Grava.

"Voltando de um jogo, ele foi me buscar no aeroporto e me perguntou o que estava acontecendo. Eu disse: 'Se eu soubesse, te falava. Está difícil'. Comecei a chorar e ele tentando me entender. Queria ajudar, mas tem o jeitão dele e acaba me pressionando um pouco. Não é por maldade. Ele, minha mãe e algumas pessoas me ajudaram a ver que não adiantaria me fechar, precisava procurar ajuda."

O divisor de águas se deu com o início da terapia com a psicóloga Rosana Costa. Ele passa por

AMADOS MESTRES

VOLUNTARIOSO, BOM DE GRUPO E TATICAMENTE APLICADO,O ATACANTE É UMA ESPÉCIE DE QUERIDINHO DOS TREINADORES COM QUEM TRABALHOU. PLACAR OUVIU ALGUNS DELES:

JESUALDO FERREIRA

SANTOS, EM 2020

"Quando cheguei ao Santos, ele estava com a seleção de base. Me disseram que era um jogador de qualidade, mas estava com problemas para renovar contrato. Eu o vi e logo o chamei para treinar. Era um atleta com todas as características de um ponta de lança europeu. Atacava a profundidade com muita força. Não era como os pontas brasileiros, que driblam. Era um jogador vertical, europeu, e por isso acreditei que poderia funcionar bem. Todos me perguntaram o porquê dele, só acreditei que seria capaz de fazer todas as funções que imaginava no ataque. O tempo mostrou."

ABEL BRAGA

INTERNACIONAL, EM 2020

"É um atleta de caráter extraordinário. Eu o conheci na reserva do Galhardo e, quando o firmei como titular, fazia aquilo que já fazia quando praticamente não jogava. Luta muito em qualquer função que você pede. Não importa se vai correr bem ou não. A entrega dele é sempre total, o admiro incrivelmente. Se pedir do lado direito, ele vai. Pelo lado esquerdo também. Vem marcar volante, joga centralizado... É um cara tático, bom tecnicamente, com ótima impulsão. Tem a intensidade do futebol inglês."

JAIR VENTURA

SANTOS, EM 2018

"O Yuri fez o primeiro gol como profissional comigo, no Paulista de 2018. Um atleta que, na minha opinião, tem um futuro brilhante pela frente. Tecnicamente acima da média: bom com a perna direita, perna esquerda, cabeceio e velocidade. Um 9 muito rápido, que ataca muito o espaço. Já o enfrentei algumas vezes depois que trabalhamos juntos e é sempre muito difícil marcá-lo. Com certeza ainda vai colher grandes coisas na carreira. É jovem, e com todas essas características viverá muitas coisas boas ainda. Fico feliz por vê-lo crescendo cada vez mais."

ELANO

SANTOS, EM 2017

"Conheço o Yuri desde os 16, no Santos. Eu o acompanhei bastante na base e tive a oportunidade de subi-lo ao profissional. Teve uma evolução rápida, apesar da pouca idade. O processo foi um pouco acelerado com ele no início, mas sempre se mostrou um goleador, um fazedor nato de gols. No profissional não foi diferente. Acelerou um pouco o processo, mas, mesmo assim, se adaptou e teve sucesso. No Inter recuperou todo o prestígio. E essa passagem pelo Corinthians provocou uma maturidade nele. Acredito muito no seu sucesso, que já é uma realidade."

pelo menos uma sessão semanal com a profissional, às vezes duas dependendo do calendário. "Estou me reconhecendo, é uma coisa que quero fazer para o resto da vida", explica Yuri, que ainda aconselha: "Não espere chegar até um momento difícil para procurar alguém. Acabei demorando um pouco, mas, pô, tenho só 23 anos".

Chamado de "tio" pelos companheiros, Yuri Alberto foi promovido aos profissionais do Santos com apenas 16 anos, em 2017. "O pessoal quando me vê fala: caramba, Yuri, já escuto o teu nome há uns dez anos e você tem 23 ainda." Curiosamente, apesar da rápida promoção, só embalou quando trocou o clube formador pelo Internacional, em agosto de 2020. "O pior momento que vivi não foi nem agora, foi no Santos. Foram quase quatro anos [no profissional] e só três gols. Falam de seca de gols, isso que é seca. Cinco, seis jogos no Corinthians não é seca, não", brinca – e dá-lhe dentes à mostra.

A rápida ascensão no Sul o levou ao Zenit, da Rússia, por cifras pesadas: 25 milhões de euros (R$ 149 milhões à época). Em meio à guerra do país contra a Ucrânia, decidiu retornar ao Brasil com pompa de estrela. "Poderíamos ter feito uma proposta pelo [Luis] Suárez, mas não era nossa prioridade. Temos o Yuri Alberto, mais jovem", disse na época o então presidente corintiano Duilio Monteiro Alves, em entrevista ao jornalista Ulisses Costa.

A declaração era um claro sinal da convicção que o clube tinha de que havia acertado em cheio no alvo de mercado em 2022. De fato, parecia. Primeiro venceu a acirrada concorrência com o Inter pelo empréstimo de um ano. Cinco meses depois, ele já apontava como um parceiro perfeito para Róger Guedes. Ainda era elogiado pelo comportamento e principalmente o faro artilheiro (11 gols em 28 jogos).

O Timão anunciou em janeiro a permanência definitiva do jogador em negócio que envolveu outros cinco jogadores promissores: Ivan, Robert Renan, Du Queiroz, Gustavo Mantuan e Pedro. Tamanho investimento fez a torcida ficar ressabiada. Tudo ia bem, não fossem as reviravoltas do futebol. Yuri atribui a potencialização da má fase a "pessoas com muita voz", sem citar nomes. "Acho que algumas pessoas têm muita voz, sabe? Querendo ou não, acabam influenciando outras com palavras negativas. Independentemente do meu momento, muita gente acredita, me apoia e sabe que posso entregar. E quem não apoia um dia vai perceber que perdeu tempo."

A má fase e as críticas quase tiraram Yuri Alberto do Corinthians. A proposta do Southampton, da Inglaterra, chegou em agosto e era vista com bons olhos. O negócio, porém, não avançou. "Eu pensei [na saída], sim. Quando chegou a proposta, falei para o meu empresário: 'Acho

LUCAS FIGUEIREDO / CBF

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Convocado desde a base, Yuri exibe camisas da seleção à filha Ysis: 'Vou voltar'

TÔ NEM AÍ, TÔ NEM AÍ...

YURI ALBERTO SABE RIR DE SI MESMO. OS ERROS QUE VIRARAM MEMES (PRINCIPALMENTE O TOMBO NO CLÁSSICO COM O PALMEIRAS) NÃO O INCOMODAM

Alguns corintianos ficam na bronca quando você ri após uma finalização errada. Eu dou risada? Nunca reparei (risos). Pode ser nervosismo, mas acho que é algo como: "Mentira que não acertei esse chute". Entende? É o meu jeito, quem me conhece sabe que sou assim. Quem não conhece se assusta pela forma como encaro as coisas.

Não é indiferença, então? Não, não... negativo. Sou um cara que se cobra bastante. Me cobro por uma finalização errada, por um gesto técnico não tão bom ou por um passe que não acertei. Seria desrespeitoso estar relaxado. Imagine para o torcedor ver: "Pô, ele está rindo". É só o meu jeito, mesmo.

Mas esses erros têm rendido memes. Qual deles? (risos) O escorregão do Palmeiras? Esse foi embaçado.

O que houve ali, afinal? Eu cheguei no vestiário dizendo: "Não é possível, só comigo que acontecem essas coisas". Fui pressionar o Weverton e aí ele tocou para alguém. Quando tentei virar o corpo, o cadarço estava um pouco grande e a trava da chuteira me puxou. Meu, parece que tomei um rapa. Caí, e caí feio. No chão eu falei: "Nossa, mentira". Levantei, continuei no jogo, mas é incrível como essas coisas acontecem na hora errada.

E você acompanha esses memes? Querendo ou não, eles chegam. Dos amigos de resenha e até entre nós [jogadores]. Lá no clube às vezes brincamos. Dia desses fiz um gol, o Garro tropeçou na placa e caiu, e mandamos no grupo [de WhatsApp] zoando ele também. Tem que saber ter o equilíbrio de levar na esportiva.

No meio do jogo você chega a pensar que algo pode virar meme? Não, aí não. Se eu for pensar isso, aí já era. Dentro de um jogo você tem que estar com a cabeça vazia. Se ficar pensando nisso, pode nem ter uma determinada oportunidade por estar imaginando essas coisas, sabe? É algo que pode retrair um jogador. Então é importante esquecer.

MONTAGEM SOBRE REPRODUÇÃO GLOBO ESPORTE

O tropeço que ganhou as redes: "Parece que tomei um rapa"

que meu ciclo aqui já acabou, não tenho mais forças para voltar a ser aquele Yuri'." Também pesava um desejo da própria família: "Era um momento de muita fragilidade, passamos por uma humilhação grande. Eu queria ter ido, mas Deus tinha outros planos".

A saída frustrada reservou bastidores curiosos. Conduzido às pressas a um hospital da zona sul de São Paulo, após um mal-estar na partida contra o Grêmio pela Copa do Brasil, o jogador se assustou quando informado pelos médicos da necessidade de cirurgia para a retirada de pedras na vesícula. O procedimento, considerado simples, colocaria um ponto final nas chances de adeus. "Estava meio grogue ainda, me recuperando depois de voltar da endoscopia. Quando o médico falou da necessidade cirúrgica, gritei: 'Quê? Mas e a janela [de transferências]?'", lembra, aos risos. O pai o repreendeu imediatamente. "Murchei na hora, mas se eu tivesse ido não estaria dando a volta por cima e vivendo esse momento especial no Corinthians", afirma.

Yuri ainda relaciona sua melhora ao fato de o técnico Ramón Díaz ter escalado mais atacantes e meias com quem pode dividir a atenção dos marcadores. "Nunca fui especialista em fazer um pivô, em segurar a defesa. Minha característica é jogar em transição, fazer o facão e atacar o espaço." E se mostra animado com a nova parceria com o astro holandês Memphis Depay, com quem tem tentado conversar mais com a ajuda do "tradutor" Igor Coronado. "Memphis é uma refe-

LEVANTA, SACODE A POEIRA...

APÓS INÍCIO RUIM, VOLTA POR CIMA JÁ ESTÁ CONSOLIDADA COM O MELHOR ANO DA CARREIRA

2024 CORINTHIANS

MÉDIA DE 0,42

2023 CORINTHIANS

MÉDIA DE 0,23

2022

CORINTHIANS 28 J, 11 G, Média de 0,39
ZENIT 15 J, 6 G Média de 0,40
INTERNACIONAL 1 J, 1 G, Média de 1

44 JOGOS
18 GOLS

MÉDIA DE 0,51

2021 INTERNACIONAL

MÉDIA DE 0,34

2020

INTERNACIONAL 29 J, 11 G, Média de 0,37
SANTOS 5J, 1G, Média de 0,20

MÉDIA DE 0,35

SANTOS FC

RICARDO DUARTE

Menino da Vila: Yuri tem apenas um título na carreira, o da liga russa pelo Zenit

DIVULGAÇÃO / ZENIT

2019 SANTOS

2 JOGOS × 0 GOL

MÉDIA DE 0

2018 SANTOS

16 JOGOS
2 GOLS

MÉDIA DE 0,12

2017 SANTOS

2 JOGOS × 0 GOL

MÉDIA DE 0

ARTILHEIROS DO TIMÃO POR ANO NO SÉCULO XXI

Ano	Jogador	Gols
2024	Yuri Alberto	23 gols *
2023	Róger Guedes	21 gols
2022	Róger Guedes	15 gols
2021	Jô	10 gols
2020	Jô	8 gols
2019	Gustavo	14 gols
2018	Jadson	15 gols
2017	Jô	25 gols
2016	Ángel Romero	13 gols
2015	Vagner Love	16 gols
2014	Paolo Guerrero	16 gols
2013	Paolo Guerrero	18 gols
2012	Paulinho	13 gols
2011	Liedson	23 gols
2010	Bruno César	14 gols
2009	Ronaldo	23 gols
2008	Dentinho	24 gols
2007	Finazzi	13 gols
2006	Nilmar	24 gols
2005	Tévez	31 gols
2004	Jô	10 gols
2003	Liedson	22 gols
2002	Deivid	30 gols
2001	Luizão	21 gols

*NÚMEROS ATÉ 30/10

CLASSE MUNDIAL

Corintiano é o maior goleador sub-23 do planeta, deixando para trás nomes de peso e até o ex-parceiro Rodrygo, do Real Madrid

YURI ALBERTO
CORINTHIANS
89 gols / 266 jogos
Santos (3), Inter (31), Zenit (6) e Corinthians (49)

BENJAMIN SESKO
RB LEIPZIG
75 gols / 175 jogos
Liefering (22), RB Salzburg (29) e RB Leipzig (24)

KARIM KONATÉ
RB SALZBURG
74 gols / 106 jogos
RB Salzburg (30), Liefering (15) e Asec Mimosas (29)

SANTIAGO GIMÉNEZ
FEYENOORD
74 gols / 198 jogos
Cruz Azul (21) e Feyenoord (53)

RODRYGO
REAL MADRID
74 gols / 308 jogos
Santos (17) e Real Madrid (57)

FONTE: SOFASCORE

Dois gols e ovação: contra o Racing, Yuri recebeu o carinho da torcida em Itaquera

ALEXANDRE BATTIBUGLI

rência da posição, um cara que gosta de vir para um jogo apoiado. Tecnicamente é muito bom, top, tenho certeza que vai nos ajudar bastante."

O atacante ainda alimenta o sonho de retornar para a Europa. Tem tatuado o símbolo da Champions League, principal torneio de clubes do Velho Continente, mas diz não ter tanta pressa. Está em paz agora. "Hoje coloquei na minha cabeça que vou viver um dia de cada vez. Se aparecer uma proposta positiva para mim e para o Corinthians, entramos em um acordo. Se não tiver, estou feliz também. Eu tenho esse sonho e creio que, quanto mais tempo ficar aqui, mais maduro estarei para vivê-lo da melhor maneira." Convocado para a seleção em um amistoso no ano passado, mantém a esperança de vestir novamente a camisa canarinho, que pendura na parede da sala e exibe com orgulho à filha Ysis. "O Corinthians é uma vitrine, uma visibilidade muito grande. Se eu continuar fazendo gols, creio que vou receber uma nova oportunidade."

Comumente chamado de "bom menino" por companheiros de equipe e até adversários, ele conta que não há praticamente nada que o tire do sério: "Prefiro deixar na minha memória só os momentos positivos. Sinceramente, não lembro a última coisa que me tirou do sério. É dessa forma que levo a vida". Nem a má fase no Corinthians, flertando há meses com a zona de rebaixamento, o preocupa. Questionado sobre o fantasma da Série B, é categórico: "Não vamos cair. Cada jogo nessa zona nos pressiona, mas nos dá uma gana imensa de sair logo". Difícil desacreditar de quem se levantou. "Se eu fosse um cara um pouquinho mais fechado, se não tivesse a estrutura e a base familiar que tenho, por tudo que passei este ano, acho que minha carreira já teria acabado." Não acabou. Yuri Alberto provou que é um novo jogador – da cabeça aos pés. Ele e o clube, juntos, só querem terminar o ano sorrindo. ■

ATURA OU SURTA

urante a infância no bairro de Sapopemba, na zona leste de São Paulo, Guilherme Arana se dividia entre duas paixões: jogar futebol e empinar pipa com os amigos. Assim foi moldada sua faceta competitiva – e provocadora. A bola virou trabalho e o passatempo favorito agora é outro, mais adaptado à cultura mineira. Quando não está em campo ou brincando com os filhos Luigi e Guilherme em casa, ele gosta mesmo é de pescar em Pedro Leopoldo, na região metropolitana de Belo Horizonte. Aos 27 anos, o lateral do Atlético-MG vive fase madura e decisiva. Cinco gols e nove assistências em 2024 fazem dele um dos protagonistas do Galo em uma temporada copeira, que pode terminar com os títulos da Libertadores e da Copa do Brasil.

No dia em que recebeu a reportagem de PLACAR na Cidade do Galo, Arana soube que seria cortado da seleção brasileira em razão de uma leve lesão muscular na coxa esquerda. Nada comparado à ruptura de ligamentos do joelho que o tirou da Copa do Mundo de 2022 e o manteve nove meses afastado. "[Disputar um Mundial] é uma oportunidade que talvez não aconteça mais, e eu perdi. É o auge do jogador, o sonho de todas as crianças. Mas sigo lutando por isso, quero estar na minha melhor forma para realizar esse sonho", garante. Hoje parece impossível tirar o sorriso no rosto daquele que se autodefine o mais amalucado do elenco atleticano – o número 13 da camisa, o mesmo que define o galo no Jogo do Bicho, já era usado nos tempos de Corinthians, pois na capital paulista "treze é sinônimo de louco". "Agora com a chegada do Deyverson eu tenho um concorrente forte", brincou.

Num ambiente tão afeito a estrelismos, Arana é uma espécie rara. Ele diz adorar as alfinetadas sadias do futebol e garante não pegar pilha quando perde. Na festa pelo pentacampeonato mineiro, na casa do Cruzeiro, disse que o choro dos rivais alagaria a Pampulha. "O pessoal fala tanto do futebol de antigamente, de Edmundo e Romário, mas hoje em dia, quando vão zoar, acham ruim. O time que ganhou tem que zoar, mesmo." Apesar do perfil extrovertido, Arana assume claro papel de liderança no clube que defende desde 2020. Para além dos títulos (cinco Estaduais, um Brasileiro, uma Copa do Brasil e uma Supercopa do Brasil), é a personalidade do lateral que encanta a Massa. "Sempre coloco o Galo em primeiro lugar e quero entrar cada vez mais na história do clube. Para isso, é preciso conquistar títulos, incorporar o que a camisa pede, que é a raça e o comprometimento."

No papo a seguir, Guilherme Arana relembra o início de carreira no Terrão corintiano e a desafortunada aventura pelo futebol europeu, além de exaltar sua relação com a torcida atleticana.

"Homem-Arana": uma das várias comemorações do lateral-artilheiro

ENTREVISTA

AQUI É GALO!!!

O PAULISTANO GUILHERME ARANA CHEGOU AO ATLÉTICO-MG EM 2020 E LOGO CAIU NAS GRAÇAS DA MASSA. ELE CONSIDERA QUE SUA RAÇA E A PERSONALIDADE SÃO A CHAVE PARA TER SE TORNADO UM ÍDOLO HISTÓRICO DOS ALVINEGROS

PLACAR está fazendo uma nova edição do Time dos Sonhos, e posso te adiantar que muitos votantes te apontaram como o maior lateral-esquerdo da história do Galo... Isso me pega de surpresa, eu não tenho essa dimensão do que eu represento para o torcedor atleticano. É claro que eu acompanho alguns comentários, pessoas que encontro em supermercados me agradecem e elogiam. Sempre coloco o clube em primeiro lugar e quero entrar cada vez mais na história do clube. Para isso, é preciso conquistar títulos, incorporar o que a camisa pede, que é a raça, o comprometimento. É isso que eu procuro fazer e não é à toa que eu recebo esses elogios, tanto em redes sociais quanto pessoalmente.

Como se deu sua mudança do Sevilla para o Galo? É verdade que seu pai te influenciou? Fiquei muito feliz quando o Atlético me procurou e prontamente respondi que sim. Meu pai sempre acompanhou futebol e sabe de tudo que acontece na maioria dos clubes. Quando surgiu a oportunidade, ele falou que eu teria uma grande visibilidade porque era ano de Olimpíada [Tóquio-2020, disputada em 2021], um clube grande e com um plano de contratações, um projeto muito bom.

PEDRO SOUZA / CAM

Conexão total: Arana tem oito títulos em BH e pode aumentar a conta em 2024

Considera esta a melhor fase de sua carreira? Não sei, tive bons momentos. No Corinthians, meu auge foi em 2017. Tive uma fase muito boa aqui no Galo em 2021. Não tenho do que reclamar, acho que sou privilegiado de estar em grupos com muita qualidade. Quando você tem pessoas de qualidade ao seu lado, a tendência é que o individualismo sobressaia. Mas eu acredito que pós-lesão, sim, estou vivendo o meu melhor momento. Muito confiante, retomando o futebol com que o torcedor do Atlético está acostumado.

Atualmente, você tem atuado mais adiantado, na armação. Como tem sido essa mudança? Já joguei nessa posição em 2020, naquela época era uma coisa realmente nova, tive que me adaptar super-rápido. Agora é mais fácil, eu já sei os movimentos e o posicionamento. O professor Milito também conversou comigo, falou que acompanhou alguns vídeos da época do Sampaoli aqui no Galo e gostou das minhas atuações. Conversou comigo se eu me sentia bem, e eu disse que sim. Sou um cara de grupo, tudo é em prol do Atlético, dou o máximo para poder ajudar nossa equipe. Eu me senti muito bem e fico feliz que esteja dando certo.

LUTAR, LUTAR, LUTAR...

ARANA ERA NOME CERTO NA LISTA DA SELEÇÃO BRASILEIRA PARA A COPA DE 2022, MAS MESES ANTES DO TORNEIO NO CATAR VIU O SONHO RUIR COM UMA GRAVÍSSIMA LESÃO NO JOELHO. FORAM NOVE MESES DE CALVÁRIO (E APOIO FAMILIAR)

Você sofreu uma das maiores frustrações que um atleta pode ter, que é perder uma Copa do Mundo por lesão. Como foi passar por isso? O pessoal que trabalha no Galo sabe, eu sou um cara alegre, mas fiquei muito chateado. É uma oportunidade que talvez não aconteça nunca mais, e eu perdi. É o auge do jogador, o sonho de todas as crianças. Mas sigo lutando por isso, quero estar na minha melhor forma para realizar esse sonho. Foi uma lesão muito chata, demora bastante para recuperar, por vezes você acaba pensando em desistir, pensa: "Será que quando eu voltar vai ser como antes?". Então, é muito importante ter a família ao lado, graças a Deus sou muito privilegiado.

VITOR SILVA / CBF

De volta à seleção: Arana e o filho Guilherme, em Cuiabá, durante as Eliminatórias

Ao menos você pôde curtir o nascimento e crescimento dos filhos... Foi um período de muita aprendizagem. Eu sou um cara muito família. Quando me machuquei, tive a companhia dos meus pais e minha mulher, meus sogros também vieram para BH para ajudar. Eu não podia nem tomar banho sozinho, não podia fazer nada sem ajuda. Sempre tive o sonho de ser pai e me lembro que meu filho queria brincar comigo, só que eu não podia levantar, não podia correr atrás dele. Então às vezes ele ficava chateado. Era uma coisa que me deixava bastante triste, mas também me dava força. Algo que tirei proveito dessa lesão foi poder acompanhar o dia a dia do Luigi e do Guilherme.

Do elenco do Galo, quem mais te apoiou? Todos ficaram muito chateados. Me dou bem com todo o elenco, todos me passaram incentivo, força. O Hulk me mandou mensagens, pessoas de outros clubes também. O Alan Kardec é um irmão que o futebol me proporcionou. Conversamos muito e nesse período ele também teve uma lesão séria. Perdemos as férias juntos, e um sempre passava palavras de incentivo para o outro. Foi um cara que me ajudou muito nessa reabilitação.

Como foi a emoção de ser campeão olímpico pelo Brasil? Cara, minha ficha sobre a Olimpíada foi cair agora, nos Jogos de Paris. Eu não tinha dimensão do que representa. Um dia cheguei em casa e vi minha mulher chorando para caramba. Ela disse que estava emocionada por eu ser campeão olímpico. Eu acompanhei bastante essa última edição, pois minha mulher gosta de assistir a todos os esportes. É um orgulho, me lembro de cada momento da campanha. Infelizmente foi no meio de uma pandemia e não teve público. A Espanha [adversária da final] era uma seleção muito forte, e eu me destaquei bastante nesse campeonato. Foi daí que surgiu a oportunidade de ir para a seleção principal.

Ir à Copa de 2026 é uma grande meta? O sonho foi interrompido, mas estou aqui, me recuperei superbem, agradeço todas as vezes ao doutor, às pessoas que me ajudaram, aos fisios, todos que estavam nesse tratamento. Estou me cuidando, procurando ajudar o Galo, essa instituição que sem dúvida nenhuma mudou minha vida. Eu estava desacreditado, o Galo me buscou, abriu as portas. E eu venho, vou para a seleção, tudo através do Atlético, e espero que este ano a gente consiga ganhar mais títulos.

Sempre teve essa qualidade para apoiar e marcar gols? Quando eu era pequeno, era atacante. Fui fazer teste no futsal do Corinthians como atacante, porém tinha cerca de uns 100 moleques fazendo teste e o treinador falou: "Tem 100 moleques aqui, 70 querem ser atacantes. Se você topar jogar de ala, você está aprovado. Se você quiser insistir de atacante, não vai ter jeito". E eu falei que podia me passar para ala. Foi quando acabei indo jogar mais para trás, mas sempre tive sim essa facilidade de avançar e finalizar bem.

Você foi um dos últimos filhos do 'Terrão' autêntico do Parque São Jorge... Exatamente, lembro que tínhamos que levar um meião preto. Eram muitos garotos, minha geração revelou o Maycon, o Malcom, o Guilherme Mantuan... Foi a última geração que usou o Terrão, depois colocaram grama sintética. Passa um filme, estou falando aqui e lembrando do caminho que fazíamos. Eu pegava carona com o pai do Mantuan, ele sempre me ajudou bastante por fazer essa correria. Olho para trás e sou muito grato por quem me ajudou a chegar até aqui. Passamos por alguns perrengues, mas sempre com muita força.

E a coisa de ser especialista em aplicar dribles por entre as pernas dos marcadores? Esse lance das canetas surgiu em 2017, foi num jogo contra o Palmeiras, era um clássico, então viralizou. Aí, quando viraliza, o torcedor quer mais. Então fui me aperfeiçoando. Todo jogo eu tentava e saía uma caneta (risos).

Quais técnicos encaixaram melhor com suas características? Sempre fui muito ofensivo, mas procurei tirar proveito de todos os trabalhos e das conversas com todos eles. Com o Tite, eu tinha bastante equilíbrio, foi ele quem me deu a oportunidade no profissional [do Corinthians] e me levou para a seleção. Ele sempre conversou comigo sobre atacar na hora certa, evitar cruzamento na parte defensiva, estar sempre junto ali da linha defensiva. Depende muito, tem jogos que demandam você atacar mais, às vezes precisa do resultado e precisa largar um pouco a parte defensiva. O Sampaoli gostava que eu jogasse por dentro e marcasse igual um lateral sem a bola. Eu sou um cara que vê bastante jogos, vídeos. Claro que não sou perfeito, existem falhas, mas busco sempre me aperfeiçoar.

Então gosta de ver futebol nas horas vagas? Eu gosto, mas só lá pelas 21h, porque os meninos não deixam, querem sempre brincar, o que é muito bom. Gosto de assistir a jogos antigos, principalmente de caras da minha posição, como o Roberto Carlos. Tem também o Sylvinho, com quem trabalhei no Corinthians, um cara que me ensinou muito em relação aos cruzamentos. Ele ficava depois dos treinos comigo enchendo meu saco para que eu acertasse. Meu pai também pega no meu pé, sempre me manda link de vídeos de chute a gol, de alguns dribles. Às vezes eu até falo para ele: "Pô, pai, deixa eu descansar", mas é uma coisa que vem dando resultados.

Quem é seu lateral favorito na atualidade? Sempre gostei do lateral do Liverpool, o [Andrew] Robertson. Ele tem muita força e joga em um dos melhores times do mundo.

AG. CORINTHIANS

'Allianz Arana': filho do Terrão se destacou em clássicos na casa do Palmeiras

PEDRO SOUZA / CAM

Chororô: pentacampeão mineiro, Arana não poupou os cruzeirenses

PROVOCADOR À MODA ANTIGA

ELE CRESCE EM DECISÕES E NÃO ABRE MÃO DE UMA BOA GALHOFA. SENTE SAUDADES DA IRREVERÊNCIA DOS CRAQUES DO PASSADO E IGNORA OS *HATERS* DAS REDES SOCIAIS. A REGRA É CLARA: QUEM TIRA ONDA TEM DE SABER ACEITAR O TROCO

Você se considera "jogador de jogo grande"? Meus amigos falam isso. "Hoje é clássico, é jogo grande, hoje tem gol". Procuro encarar todos os jogos como uma decisão, não vou negar que às vezes sou até fominha, quero fazer gol e participar, independentemente de quem estiver do outro lado. Na minha carreira peguei muitos elencos recheados de grandes jogadores, e as individualidades aparecem. Sou muito incisivo, procuro chutar a gol pelo menos duas vezes por jogo. E sou muito cobrado, meu padrinho fala para eu dar bicuda no gol, e está dando certo.

No Corinthians, você se destacou ao fazer gols na casa do Palmeiras, apelidada pelos torcedores de "Allianz Arana", e você chegou a dedicar um gol a um amigo palmeirense... É que eu tenho muitos amigos palmeirenses, inclusive a maioria dos meus amigos são. E, desses meus amigos, os que não estavam no estádio, boa parte estava assistindo ao jogo na minha casa, com meu irmão, com meus pais. Por isso que teve a zoação (risos).

Aqui em Minas Gerais você manteve a mania de provocar nos clássicos contra o Cruzeiro... O que aconteceu é que o Cruzeiro ganhou os primeiros dois jogos na Arena MRV e então os jogadores tiraram onda, zoaram, e têm todo direito. O pessoal fala tanto do futebol de antigamente, de Edmundo e Romário, mas hoje em dia, quando vão zoar, acham ruim. Na época, eu falei na entrevista: "O time ganhou, tem que zoar mesmo". Mas já tinha um combinado entre nós, de que seríamos campeões mineiros e daríamos o troco.

Estava tudo planejado, então? Eu já tinha comentado com o pessoal: "Vou zoar, não quero nem saber". Já tinha avisado meus pais e minha mulher: "Prepara o Instagram, porque os caras vão xingar, mas vou zoar assim mesmo". Dito e feito. Ganhamos o Campeonato Mineiro na casa deles. Teve a zoação, mas não faltei com respeito com ninguém, não desmereci a instituição deles. Conversei até com o William, lateral deles, e falei que eles zoaram para caramba. E ele concordou que essa brincadeira é válida.

Falta mais irreverência no futebol atual? Acredito que sim. Se você zoa, te xingam, se você não zoa, te xingam também. Está muito chato, mas eu sou um cara que não liga, sou muito tranquilo quanto a rede social e internet. Podem perguntar para qualquer um aqui do Galo sobre quem é o mais chato do Atlético, e eles vão responder que sou eu.

Mais que o Deyverson? É, agora eu tenho um concorrente forte, mas eu zoo muito o próprio Deyvinho. Inclusive, temos que agradecer à mulher dele, né, por tê-lo colocado na linha. É um cara que chegou para me ajudar nessa parte de resenha e já deixou uns gols importantes.

ENTREVISTA

TRETA COM GASPERINI E 'NÃO' A JORGE JESUS

APESAR DAS POUCAS OPORTUNIDADES, ARANA VALORIZA O APRENDIZADO DAS PASSAGENS POR SEVILLA E ATALANTA. E NÃO SE ARREPENDE DE TER RECUSADO JOGAR NO FLAMENGO MULTICAMPEÃO

Você chegou ao Sevilla sob grande expectativa. Por que não deu certo? Eu vinha aqui do Brasil jogando praticamente todos os jogos, e lá (na Europa) existe uma mentalidade diferente. Você joga um, descansa outro. Quando eu cheguei, não vinha sendo relacionado, e já começou a vir uma desconfiança. Eu jogava bem e no jogo seguinte não me relacionavam, isso me deixava louco da cabeça. Fiz um gol contra o Barcelona, num jogo que não vou falar o resultado (risos) [N.R.: 6 a 1 para a equipe catalã]... E no outro jogo eu nem fui relacionado. Eram coisas que eu não entendia, mas tudo bem, joguei pouco, mas não comprometi, merecia mais chances, mas não tive. Serviu de aprendizado, vivi em uma cidade muito boa e aprendi uma língua nova.

Veio, então, a nova chance na Itália... Sim, troquei de empresário e fui emprestado para a Atalanta. A estrutura era muito top, também morava muito bem, outro idioma, só que eu cheguei e o lateral-esquerdo, o alemão [Robin Gosens], fazia gol todos os jogos. Jogávamos com três zagueiros e toda hora ele fazia gol. Aí é compreensível [ser reserva]. Uma coisa é você ver o cara da sua posição não desempenhando bom papel, outra é ver o cara bem. Daí, acabei dando uma entrevista que virou um problema.

Arana em ação contra o Barcelona: poucas chances como titular

GETTY IMAGES

Como foi? Eu só falei que "o Gosens está muito bem, fazendo gols, ajudando nossa equipe, mas eu estou preparado, esperando uma oportunidade". O treinador [Gian Piero Gasperini] não gostou nada dessa entrevista e mandou eu procurar uma nova equipe. Ele é um excelente treinador, muito bravo, cobra bastante, só que ele tem esse lado que eu não sabia. Mas não falei nada de mais, não questionei o trabalho dele. Mas pelo menos o Gasperini mandou o papo reto, prefiro assim do que ficar enrolando, inventando história. Vida que segue. Serviu de aprendizado e foi bom porque me permitiu voltar para o Brasil. Ganhei títulos, fui para a Olimpíada, tive dois filhos, minha família é superadaptada a Belo Horizonte.

É verdade que você recusou uma proposta do Flamengo? Sim, eu estava em um jogo beneficente de amigos do Narciso, no meio do samba, e tocou o telefone. Era o Jorge Jesus, aquele sotaque português, me convidando... Eu falei: "Vou pensar". Lembro até hoje, estava com meu pai, meu irmão, meus primos. Só que eu tive dúvidas, porque para chegar na Europa é muito difícil, nós jogadores sabemos disso, e eu queria ter mais oportunidades. Troquei de empresário, pensei que isso me traria mais oportunidades. Eu estava superadaptado à Espanha e queria tentar me firmar lá.

Mas a oferta balançou? Sim. Lembro que estava todo mundo na sala, falei que talvez seria melhor voltar, porque era a preparação para a Olimpía-

JOGADOR DE DECISÃO

Os números de uma carreira de sucesso

CORINTHIANS
2015 a 2017

85 *jogos,* **4** *gols e* **10** *assistências*

Títulos: Campeonato Brasileiro de 2015 e 2017; Campeonato Paulista de 2017

ATHLETICO-PR
2015

3 *jogos*

SEVILLA
2018 a 2019

25 *jogos,* **2** *gols e* **3** *assistências*

ATALANTA
2019

4 *jogos*

ATLÉTICO-MG
2020 até hoje

213 *jogos,* **21** *gols e* **34** *assistências*

Títulos: Campeonato Brasileiro de 2021; Copa do Brasil de 2021; Supercopa do Brasil de 2022; Campeonato Mineiro de 2020, 2021, 2022, 2023 e 2024

SELEÇÃO BRASILEIRA OLÍMPICA/SUB-23

8 *jogos,* **1** *gol,* **2** *assistências*

Título: Jogos Olímpicos de Tóquio

SELEÇÃO BRASILEIRA

11 *jogos*

Na Atalanta: concorrência com alemão prejudicou aventura italiana

2020
[illegible] jogos, [illegible] gols, [illegible] assistências (0,31 participação por jogo)

2021
[illegible] jogos, [illegible] gols, [illegible] assistências (0,24 participação por jogo)

2022
42 jogos, [illegible] gols, [illegible] assistências (0,26 participação por jogo)

2023
32 jogos, 2 gols, 1 assistência (0,09 participação por jogo)

2024
42 jogos, 5 gols, 9 assistências (0,33 participação por jogo)

da, mas meu irmão e meu pai falaram para ficarmos na Europa. Eles mudaram meu pensamento, mas não é fácil, você não está jogando, aparece o Flamengo, Jorge Jesus... Balança. E o pior é que cheguei na Espanha e o treinador já falou: "Não vamos contar com você" (risos). Tudo bem, estava confiante do empresário novo achar um clube. E foi logo o ano em que o Flamengo ganhou tudo [2019], mas faz parte.

Daí apareceu o Galo... Na época, o [dirigente] Rui Costa me ligou com a mesma conversa sobre projeto. Só que eu era o primeiro nome do projeto, então eu fiquei naquela: "Será que vai acontecer mesmo?". Mas eu precisava jogar, falei com meu pai, que já tinha me contado a história do Galo, dito que era um clube grande, que estava sem ganhar há muito tempo. Eu venho para a Copa do Brasil contra o Afogados, perdemos. Sul-Americana, Union Santa Fé, caímos também. Eu falei: "Nossa... e agora?". Aí sai o [técnico] Dudamel, vem o Sampaoli e depois a pandemia. Consegui me destacar, ir para a Olimpíada. Eu tinha o sonho de me firmar na Europa, não consegui e voltei para jogar.

Por fim: qual é a expectativa para as decisões que estão por vir? A ansiedade para jogos assim sempre vem. Contra o Fluminense [pelas quartas da Libertadores], eu não conseguia dormir, cara. Depois do primeiro jogo, que perdemos, eu fiquei uma semana sem dormir direito. São jogos memoráveis, tive a oportunidade de disputar uma semifinal de Libertadores, que perdemos para o Palmeiras em 2021. Agora espero que possamos fazer excelentes jogos [contra o River Plate], para recolocar o Atlético na final. ■

PERFIL

HABLA POUCO E JOGA MUITO!

O ARTILHEIRO ARGENTINO DO LAION É UM HOMEM AVESSO AOS HOLOFOTES. NO ENTANTO, *EL GATO* LUCERO ABRIU UMA EXCEÇÃO E CONTOU SUA HISTÓRIA À PLACAR: DE JUNÍN A FORTALEZA, UM BOM E VELHO EXEMPLAR DE CAMISA 9

Por: Enrico Benevenutti e Klaus Richmond
Design: LE Ratto

Faz o "L": Lucero e Laion, amor à primeira vista

LEONARDO MOREIRA / FORTALEZA EC

JOÃO MOURA / FORTALEZA EC

Pouco se sabe sobre Juan Martín Lucero para além de sua notória capacidade goleadora. "Sou uma pessoa simples e humilde, de perfil discreto", diz o atacante argentino do Fortaleza ao justificar os quase dois anos de futebol brasileiro praticamente ileso a entrevistas. Foram míseras três aparições em coletivas de imprensa e apenas um papo exclusivo, a um jornal argentino. Aos 33 anos, o artilheiro do Laion optou por se preservar. "Eu sou de falar pouco e me manter à margem de tudo. Quando as coisas vão bem, eu sei que vou receber elogios, mas as pessoas não estão preparadas para as coisas negativas. Então eu sou da mesma maneira, nos momentos bons e ruins, não troco minha forma de ser", conta, em bom portunhol, no primeiro papo com PLACAR.

"No futebol, quando eu comecei, havia jogos que eu saía muito aplaudido e em outros acontecia o oposto. Eu não entendia muito bem, mas, conforme vamos ganhando experiência, passamos a entender como as coisas funcionam. O que mais me serviu na vida e na minha carreira foi manter esse equilíbrio", prosseguiu. Dentro de campo – onde mais importa –, Lucero se comunica bem, especialmente com a torcida tricolor. Na atual temporada, marcou 23 gols até o fechamento desta edição. É o maior goleador estrangeiro no futebol brasileiro no ano e vice-artilheiro geral do futebol brasileiro na temporada, ainda correndo atrás da artilharia do Campeonato Brasileiro. Em pouco tempo de casa, também se tornou uma referência do elenco. Lidera por exemplo, fala pouco e joga muito.

Questionado sobre suas inspirações, Lucero surpreende, como em um toque por cobertura. "Gosto muito do Benzema, ele joga muito, mas isso todo mundo vê. Então assisto a outros camisas 9 de divisões inferiores, para aprender com eles." A personalidade é reflexo de sua criação. Da pequena Junín, cidade localizada na região de Mendoza, mais próxima de Santiago do Chile do que da capital argentina, Buenos Aires, Lucero criou os laços de paixão com o futebol: "Meu pai e minha mãe contam que eu via qualquer coisa redonda e queria chutar, falava

MATHEUS LOTIF / FORTALEZA EC

Com a 9 às costas e a taça da Copa do Nordeste, seu segundo título no clube

gol, futebol e *pelota* (bola em espanhol)". O apelido de "*El Gato Chico*" (o pequeno gato) vem dessa época e é herança do pai, que desde pequeno subia nas árvores para recuperar as bolas perdidas. Lucero passou a acompanhá-lo nos jogos quando criança. Agora adulto, assumiu a alcunha de *El Gato*.

"Meu pai quando jogava era um ponta-esquerda, canhoto, como um extremo. Ele me acompanhava nos jogos somente nos fins de semana porque trabalhava muito", conta. Apesar da influência, ele destaca o papel da mãe, que o levava aos treinos da liga mendocina quase sempre de bicicleta. Aos 13 anos, mudou-se sozinho para Buenos Aires para jogar em um clube parceiro do River Plate. A aventura se deve a um olheiro chamado Daniel Venturi, que apareceu na casa da família Lucero com a proposta de levá-lo até a capital: "Ele mudou a minha vida. Se não tivesse batido na porta de casa, eu ainda estaria por lá". Eles mantêm contato e a inspiração foi tão grande que o artilheiro já pensa em seguir o mesmo caminho quando parar. "Se eu continuar no futebol, vai ser criando oportunidade para os jovens. Senão, vou virar amigo de algum arquiteto e construir algo", brinca.

Lucero é um dos vários andarilhos da bola. Profissionalizou-se pelo Defensa y Justicia e em seguida rumou para o Independiente, mas não se firmou no tradicional clube de Avellaneda. Aceitou, então, a proposta de um mercado alternativo: Malásia (*leia mais no box na página 32*). Após pouco menos de um ano na Ásia, sentiu falta de maior exigência competitiva. De lá foi para o Tijuana, do México, e depois para o Godoy Cruz, pertinho de casa. Com o time mendocino, avançou às oitavas de final da Libertadores em 2019, quando foi eliminado pelo Palmeiras. Ao final do empréstimo, retornou ao Defensa y Justicia e experimentou uma incrível redenção na carreira.

"Foi como recomeçar a minha carreira do zero, depois de todo esforço que eu havia feito. Fui,

"ASSISTO A OUTROS CAMISAS 9 DE DIVISÕES INFERIORES PARA APRENDER COM ELES"

A BRIGA (FORA DE CAMPO)

SAÍDA DO COLO-COLO PARA O FORTALEZA AINDA É ALVO DE DISPUTAS JUDICIAIS

Lucero era desejo antigo do Fortaleza. O argentino já havia sido procurado pelo Leão do Pici em 2021, mas preferiu jogar no Colo-Colo. No Chile, disputou a Libertadores e vitimou o próprio Fortaleza na fase de grupos: gol e assistência em dois jogos. A atuação fez crescer o interesse tricolor, e o namoro, enfim, acabou em casamento – e litígio com o antigo amor. O próprio jogador pagou a rescisão contratual, mas o Cacique de Santiago entendeu o cenário como aliciamento do Fortaleza e entrou com uma ação que corre no CAS (Corte Arbitral do Esporte) e se estende por mais de um ano. Durante esse período, três audiências já foram realizadas envolvendo os clubes e a Fifa. A entidade máxima do futebol chegou a aplicar um *transfer ban* de duas janelas ao Fortaleza e a suspensão de Lucero por quatro meses, mas o clube entrou com efeito suspensivo.

Houve uma tentativa de acordo financeiro entre as partes que até agora não saiu do papel. O veredito do caso não tem um prazo para sair. Lucero demonstra confiança. "Não me preocupa (ser suspenso), porque não fiz nada de errado. Segui exatamente o que dizia meu contrato e o que o meu advogado me permitiu fazer. Agora eu só tenho que esperar, mas estou tranquilo, está tudo muito claro. Prefiro não falar muito até que se defina a situação, mas vai dar tudo certo. Acredito muito no trabalho dos advogados", diz. "Trabalho muito com meus psicólogos para que essa situação não cause nenhum tipo de ansiedade. Tento ver o lado positivo de tudo, ou de uma maneira que não me afete."

mas não tão convencido. No segundo dia eu me machuquei, panturrilha. Me recuperei e na sequência veio uma lesão no joelho. Fiquei praticamente seis meses fora", conta. "Estava muito abaixo, mas era tudo uma questão mental. Nas férias, pedi mais seis meses para o presidente, fiquei treinando, me recuperando, e voltei a jogar e a fazer gols. De repente, em março, veio a pandemia e parou tudo." O protagonismo e o espírito artilheiro foram retomados, mesmo, já com a camisa do Vélez Sarsfield, a mando do técnico Mauricio Pellegrino. Pelo time de Liniers, participou de 27 gols na temporada. Foi quando, enfim, chamou a atenção do Fortaleza.

Na PLACAR de março deste ano, o técnico Juan Pablo Vojvoda exaltou o verdadeiro amor encontrado em Fortaleza. O sentimento do compatriota é semelhante. "Eu me sinto em casa, mas os primeiros meses foram difíceis", diz, citando o calor escaldante como empecilho inicial. "Agora eu amo, vou à praia, as noites são boas para caminhar na Beira-Mar. Só vou morar em cidade de praia, nunca mais no frio." Falar da capital cearense fez o tímido artilheiro se soltar. "As pessoas que vivem em cidades muito grandes vivem em outro ritmo, com muito estresse. É mais difícil de perceber as pessoas ao lado. Aqui todo mundo é muito mais atento ao que o outro necessita. Não só no clube, mas eu percebo isso andando na rua, mesmo."

"AGORA EU AMO (FORTALEZA). SÓ VOU MORAR EM CIDADE DE PRAIA, NUNCA MAIS NO FRIO"

Em equilíbrio, como ele mesmo destaca inúmeras vezes ao longo da conversa, os números e o desempenho do Gato Lucero subiram e chegaram a chamar a atenção até mesmo de gigantes como o Boca Juniors. O argentino, no entanto, não planeja retornar à terra natal tão cedo: "Boca, River... são equipes históricas, mas é preciso ter um combo completo. O país está ruim, muita instabilidade e insegurança. Jogar lá não quer dizer que vai ser tudo linear, é pre-

AVENTURA MALAIA

EM 2016, APÓS VIVER UMA MÁ FASE NO INDEPENDIENTE, LUCERO RECEBEU UM CONVITE INESPERADO. O JOHOR DARUL, DA MALÁSIA, APRESENTOU UMA PROPOSTA E O ARGENTINO, QUE JÁ CONHECIA O TIME POR CAUSA DE UM EX-COMPANHEIRO, TOPOU O DESAFIO

"Gosto desse tipo de aventura. Era uma mudança financeira para mim e para minha família, e não me arrependo. Conheci uma cultura que eu acreditava não existir mais. O time pertence ao príncipe, filho do rei da Malásia. Os dois mandam em tudo por lá, controlavam a cidade. Me chamava a atenção o respeito que todas as pessoas tinham com os dois. O dono morava em um palácio e convidava sempre algumas pessoas para jantar por lá. Eles tinham tudo, uns mil carros de colecionador, barcos de todos os tipos, ilhas, tudo que se pode imaginar, e protegido pelos soldados. Ele queria ganhar todos os campeonatos e não tinha rival, então conquistamos a Liga da Malásia, a Copa da Malásia, a Taça da Malásia e até a Recopa. Quando empatávamos, tinha muita cobrança, ele entrava no vestiário de forma agressiva gritando com os próprios malaios. Ele queria demonstrar para nós, gringos, que estava chateado, mas não falava inglês, então era como se fosse uma indireta para nós. O time tinha o melhor de tudo, ótima infraestrutura, mas decidi sair porque comecei a ter saudades de jogar em alto nível, de aparecer na televisão... de tudo. Não queria desaparecer. Eu sentia que estava ganhando bem, mas perdendo no esporte."

No Johor FC, da Malásia: 21 jogos, 22 gols e muitas anedotas

ARQUIVO PESSOAL

DIVULGAÇÃO / DEFENSA Y JUSTIÇA

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO

DIVULGAÇÃO / COLO-COLO

1. No Defensa y Justicia, começo de carreira
2. A passagem pelo Independiente
3. Pelo Vélez, onde marcou 18 gols em 2021
4. E no Colo-Colo: títulos e média de goleador

MATHEUS AMORIM / FORTALEZA EC

OS ARTILHEIROS DO FUTEBOL BRASILEIRO EM 2024*

Jogador	Gols
Pedro (Flamengo)	30 GOLS
LUCERO (FORTALEZA)	23 GOLS
Yuri Alberto (Corinthians)	23 GOLS
Anselmo Ramon (CRB)	23 GOLS
Mastriani (Athletico)	22 GOLS
Flaco López (Palmeiras)	21 GOLS
Isidro Pitta (Cuiabá)	21 GOLS
Luan Viana (Porto Velho e Mixto)	20 GOLS
Nicolas (Paysandu)	20 GOLS
Vegetti (Vasco)	20 GOLS
Erick Pulga (Ceará)	20 GOLS

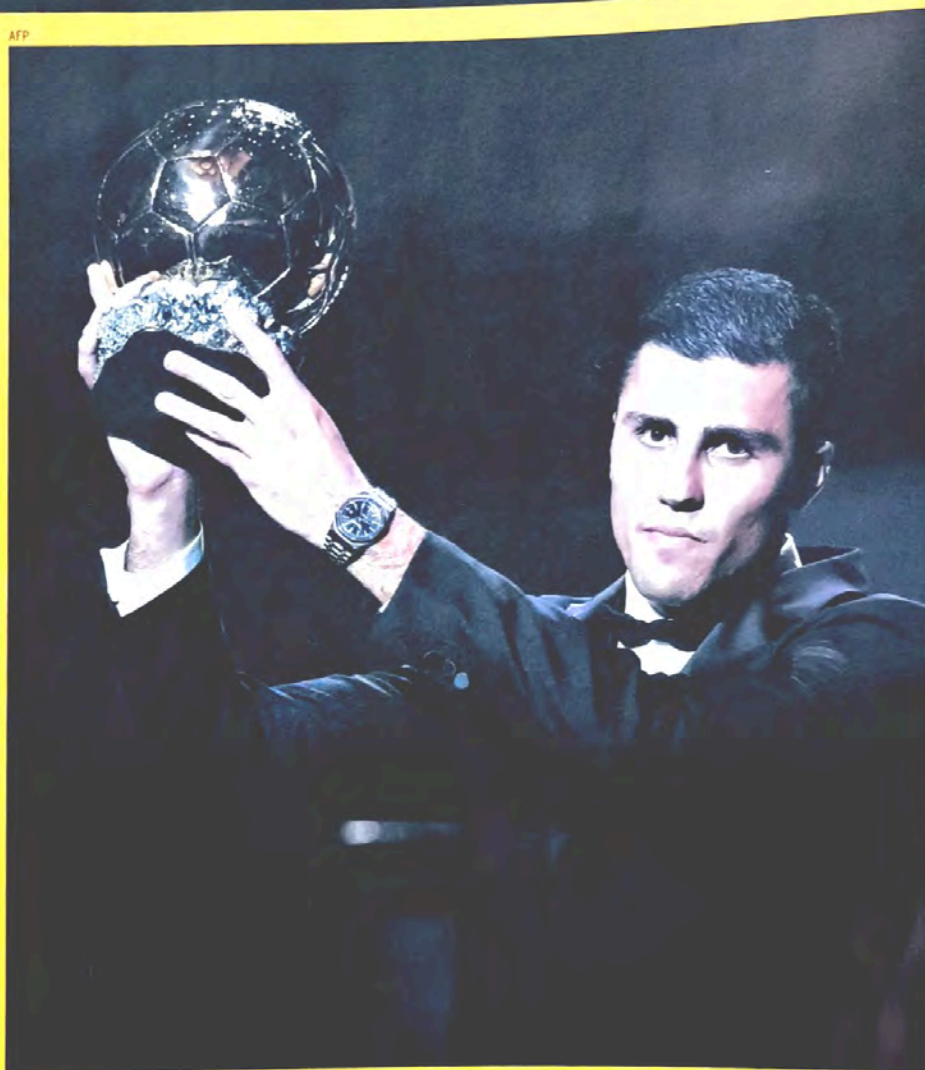
*NÚMEROS ATÉ 30/10

ciso equilíbrio. Eu busco isso mais que qualquer outra coisa hoje".

Não é à toa que o contrato com o Fortaleza foi renovado por mais três anos, até o final de 2027. "É um clube muito organizado e tudo funciona à perfeição. O equilíbrio econômico e esportivo, essa visão de crescimento, é algo que eu busquei durante muito tempo. Estamos as duas partes à procura de um crescimento mútuo." Lucero também destaca a força que irrompe das arquibancadas: "É uma torcida muito fanática, que é pura e está exclusivamente por amor. Os grandes times levam torcedores ao estádio pelo que fizeram ou o que foram, mas aqui é como um amor de bairro, de cidade, que cresce e fica cada vez mais forte".

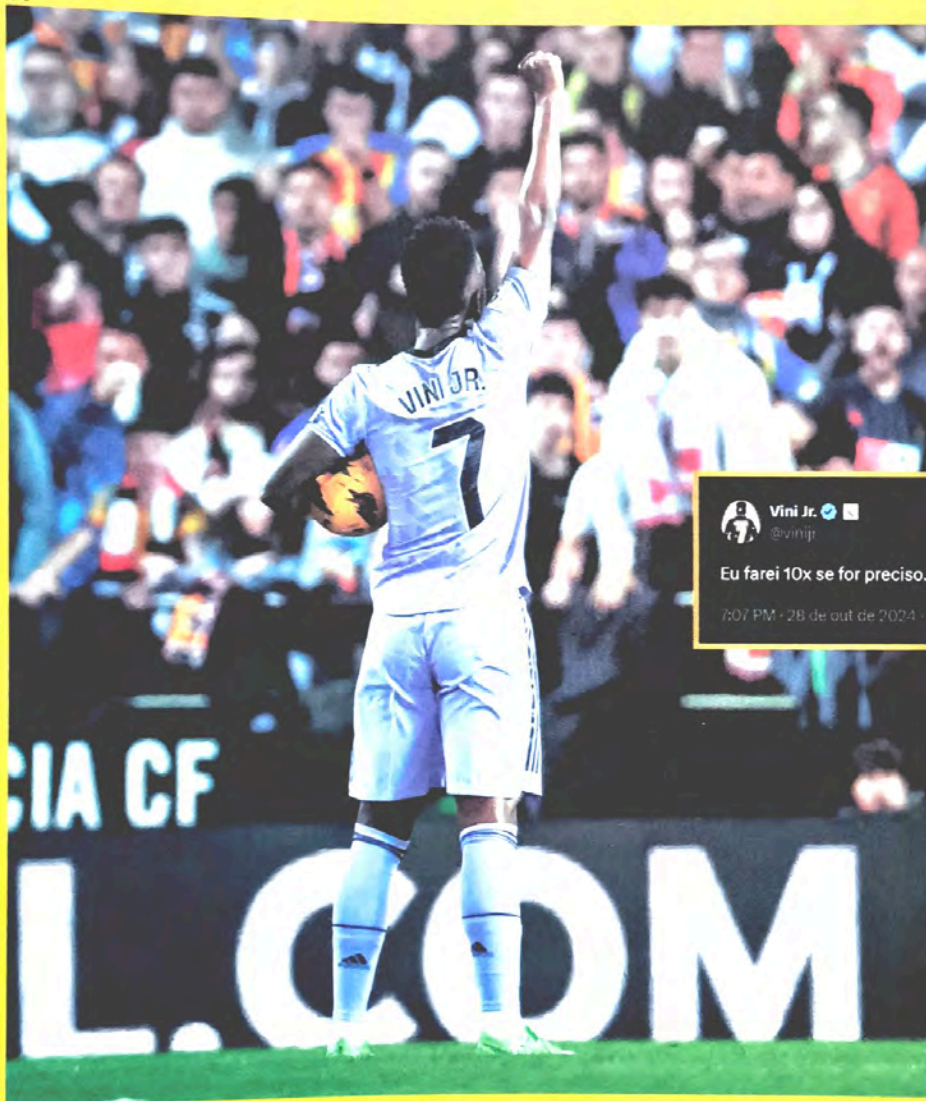
A campanha do Laion, na briga pelo título do Campeonato Brasileiro a poucas rodadas do fim, já é histórica. *El Gato* acredita no projeto e vê a equipe caminhando para um título – quem sabe até uma Libertadores: "É a glória eterna, como dizem. Se fizermos uma boa fase de grupos, no mata-mata tudo pode acontecer". A vaga não está garantida, mas encaminhada. Por enquanto, os objetivos são mais "singelos": retomar a boa fase e bater os 24 gols da última temporada. Falta pouco. ■

TRISTE, INJUSTO... E PREVISÍVEL

AFP

Rodri ergue o troféu na festa marcada pela ausência de Vini Jr. e de todo o Real Madrid

AO CONCEDER A BOLA DE OURO AO VOLANTE RODRI, QUE NEM SEQUER FOI O MELHOR JOGADOR DE SEU TIME OU SELEÇÃO EM 2024, E COM ISSO PRETERIR VINICIUS JÚNIOR, IMPARÁVEL PELO REAL MADRID, O ELEITORADO DA BOLA DE OURO RETOMA SUA TRADIÇÃO EUROCÊNTRICA – E LEVANTA SUSPEITAS MAIS GRAVES

Por: Luiz Felipe Castro / Design: LE Ratto

EFE

O fabuloso Théâtre du Châtelet, em Paris, foi palco de um constrangimento sem precedentes no último dia 28 de outubro. Ausências por protesto na premiação da Bola de Ouro já haviam ocorrido, mas não de uma comitiva inteira, quanto mais do maior clube do mundo. Para espanto geral, horas antes do evento, o Real Madrid anunciou que não compareceria por ter descoberto que Vinicius Júnior não ganharia o principal prêmio da noite. Faltou espírito esportivo à agremiação que mais vezes levou representantes à festa. É preciso saber perder e respeitar o resultado. Mas a democracia também nos dá o direito de contestar a escolha do volante espanhol Rodri como novo melhor jogador do mundo – e os motivos que levaram à ruína do favoritismo de Vini.

Não há dúvida de que o meio-campista do Manchester City é um jogador especial. Classudo, de ótimo passe e posicionamento, é peça-

-chave na engrenagem da máquina montada por Pep Guardiola. De quebra, contribuiu com dezenas de gols e assistências na temporada em questão e ainda liderou a Espanha na surpreendente conquista da Eurocopa. Em 2023, já havia marcado o gol do título da Champions League, e é sabido que a consistência ao longo dos anos pesa nessas eleições. No entanto, é improvável que alguém que tenha acompanhado atentamente os jogos de City e Espanha não tenha notado que Rodri não foi sequer o melhor jogador de seus times – Phil Foden, Erling Haaland, Lamine Yamal e Dani Olmo brilharam mais, por exemplo.

Aí entra o fator Vinicius. Para além dos excepcionais números, o camisa 7 merengue foi o grande protagonista de uma temporada mágica do campeão de LaLiga e da Champions League. Num esquema montado por Carlo Ancelotti justamente para explorar suas virtudes, o atacante revelado pelo Flamengo cresceu nos jogos mais decisivos, como a semifinal contra o Bayern de Munique e a decisão europeia contra o Borussia Dortmund. Ou seja, fez tudo o que levou outras estrelas a faturar o prêmio em anos anteriores, o que abre margem para suspeitas de que o futebol possa ter ficado em segundo plano.

Na edição de agosto, PLACAR realizou uma pesquisa com 60 jornalistas de 21 países, que apontou Rodri como o novo favorito, com Vini em segundo e seu parceiro Jude Bellingham em terceiro – justamente o pódio que se confirmaria dois meses depois. Na ocasião, diversos votantes apontaram o comportamento do brasileiro em campo como uma das razões para sua derrota. Provocador, indisciplinado e arrogante foram alguns dos termos usados. É fato que Vini passou do ponto em alguns momentos, como nos cartões que o suspenderam da eliminação na Copa América diante do Uruguai. Mas será mesmo que esse critério pesou para todos?

"A conquista de títulos e o desempenho no futebol são importantes, mas também a pessoa e os valores que representa. E aqui Vinicius tem muito que aprender", escreveu o colunista Luiz Miguelsanz, do diário *Sport*, da Catalunha – historicamente pró-Barcelona. Ora, como bem lembrou o jornalista brasileiro Fernando Kallas em um programa de TV espanhol, como é possível que o mesmo júri que elegeu o goleiro argentino Emiliano "Dibu" Martínez, talvez o mais ácido dos provocadores do futebol atual (e excepcional arqueiro), tenha levado o *fair play* como critério decisivo na escolha? O próprio Rodri se envolveu em polêmica por ter cantado que "Gibraltar é espanhol" na comemoração do título da Euro. Ele e o colega Álvaro Morata, capitão da Fúria, foram punidos pela Uefa por violarem "princípios gerais de conduta, as regras básicas de conduta decente, por utilizarem eventos desportivos para manifestações de natureza não desportiva e por desacreditarem o futebol e a Uefa em particular".

Eis que surge o termo imprescindível neste debate: racismo. Ao peitar de forma extremamente corajosa aqueles que constantemente o insultam, nos estádios e nas redes sociais, Vinicius Júnior tornou-se um respeitado ícone antirracista no mundo. Sua luta inspirou milhares e colocou criminosos na cadeia, mas também incomodou poderosos e o colocou como vidraça em tempos de tanto ódio e ignorância. Seus críticos argumentam

O TOP 10 DA BOLA DE OURO 2024

1º **RODRI** (Manchester City/Espanha)

2º **VINI JR.** (Real Madrid/Brasil)

3º **BELLINGHAM** (Inglaterra/Real Madrid)

4º **CARVAJAL** (Real Madrid/Espanha)

5º **HAALAND** (Manchester City/Noruega)

6º **MBAPPÉ** (PSG/Real Madrid/França)

7º **LAUTARO MARTÍNEZ** (Inter de Milão/Argentina)

8º **LAMINE YAMAL** (Barcelona/Espanha)

9º **TONI KROOS** (Real Madrid/Alemanha)

10º **HARRY KANE** (Bayern/Inglaterra)

O TOP 3 EM NÚMEROS

Que Rodri é um baita volante ninguém duvida. Mas sua temporada justificou uma Bola de Ouro?

1º

RODRI

VOLANTE, 28 ANOS
MANCHESTER CITY e ESPANHA

65 JOGOS / **12** GOLS
14 ASSISTÊNCIAS

Títulos: Mundial de Clubes, Premier League e Eurocopa

2º

VINICIUS JR.

ATACANTE, 24 ANOS
REAL MADRID e BRASIL

48 JOGOS / **27** GOLS
11 ASSISTÊNCIAS

Títulos: Champions League, LaLiga, Supercopa da Uefa e Supercopa da Espanha

3º

JUDE BELLINGHAM

MEIA, 21 ANOS
REAL MADRID e INGLATERRA

53 JOGOS / **26** GOLS
25 ASSISTÊNCIAS

Títulos: Champions League, LaLiga, Supercopa da Uefa e Supercopa da Espanha

*números por clube e seleção, relativos à temporada 2023/2024, justamente o período avaliado na premiação

que o brasileiro erra ao generalizar, quando diz por exemplo que LaLiga ou a Espanha são racistas. Hipérboles à parte, só veste a carapuça um tipo de pessoa, e todos sabemos qual.

Na edição de agosto, Marcelo Carvalho, diretor executivo no Observatório da Discriminação Racial no Futebol, apontou que "o homem negro retinto sempre foi posto num local de subalternidade, e o Vini se recusou a estar neste lugar. Se impôs contra LaLiga, federação e governo da Espanha, e contra todos que disseram que ele estava errado, e é claro que isso incomoda muita gente". De forma antecipada, Carvalho já rebatia o argumento que se espalharia nas redes, de que, se a Bola de Ouro fosse racista, outros pretos como Ronaldinho Gaúcho não a teriam conquistado. A diferença está na coragem com que Vini enfrentou o preconceito. "Pelé e outros nomes tentaram falar, mas foram silenciados. Isso não funcionou com o Vini. Para ganhar a Bola de Ouro, ele tinha de ser perfeito. Mesmo ganhando tudo com o Real, não foi suficiente. A perda da Copa América foi a desculpa que precisavam para não votar nele", complementou à época.

É leviano insinuar que todos aqueles que não apontaram Vinicius como o número 1 o fizeram por questões raciais. Mas é ingênuo acreditar que a posição firme do menino preto, pobre e sul-americano não teve influência alguma. Como bem definiu o jornalista Paulo Júnior, em artigo no site Trivela, "você pode debater se de início ou no caminho, se muito ou pouco, se explícito ou escapando no canto do discurso. Mas é [racismo]", quando se supervaloriza a suposta má postura de Vini em detrimento de seu absurdo talento. Decretada a derrota, diversas personalidades da bola como a rainha Marta, Rivaldo e tantos outros manifestaram seu apoio a Vinicius Júnior. O jogador também usou as redes, de forma sucinta, em bom português: "Eu farei dez vezes se for preciso. Eles não estão preparados".

Não foi a primeira vez que a eleição promovida desde 1956 teve um resultado contestado, e é natural que aspectos mais subjetivos e eventuais simpatias sejam levados à urna. Mas é preciso repensar a estrutura da votação para que o pleito mantenha credibilidade. Em 1995, a revista francesa reparou o erro histórico de apenas premiar atletas europeus (o que explica as ausências de Pelé, Zico e Maradona na lista ao lado). Logo na abertura, o liberiano George Weah, então jogador do Milan, foi premiado e é até hoje o único africano a erguer o troféu dourado. Ironicamente, foi o próprio Weah quem entregou o prêmio a Rodri – e quão simbólico não seria se fosse a Vini? De uma icônica revista para outra, PLACAR deixa um apelo à *France Football*: é preciso rever o sistema do colégio eleitoral (hoje são 42 jornalistas europeus, 22 africanos, 16 asiáticos, dez das Américas Central e do Norte e dez sul-americanos). E também filtrar melhor os seus votantes.

Curiosamente, talvez o exemplo mais escancarado de má vontade, para dizer o mínimo, tenha vindo das Américas. O jornalista Bruno Porzio, de El Salvador, um dos 100 votantes da Bola de Ouro (um de cada país que integra o top 100 do ranking da Fifa), não incluiu Vini sequer em seu top 10. "Para colocá-lo em oitavo, nono ou décimo, melhor nem colocar, não lhe servia de nada. Levando em conta o *fair play* e o que os outros ganharam... é um jogador que não me enche os olhos", disse o profissional, que considerou que o meia turco Çalhanoglu e o zagueiro português Ruben Dias jogaram mais bola que Vini. Em seu discurso de campeão, Rodri fez coro ao eurocentrismo ao exaltar o sucesso do projeto espanhol (Aitana Bonmatí também levou o prêmio de melhor jogadora e Lamine Yamal, alvo de racismo constante por sua ascendência marroquina, o de melhor jovem do ano). Também disse, de forma pretensiosa, que "o futebol venceu". Com todo respeito ao excepcional volante, a bola foi o que menos importou. ■

E SEGUE O JEJUM

Desde Kaká em 2007, o Brasil não tem umatleta eleito Bola de Ouro

ANO	JOGADOR
1956	Stanley Matthews (Inglaterra)
1957	Alfredo Di Stéfano (Argentina)
1958	Raymond Kopa (França)
1959	Alfredo Di Stéfano (Argentina)
1960	Luis Suárez (Espanha)
1961	Omar Sivori (Argentina)
1962	Josef Masopust (Tchéquia)
1963	Lev Yashin (Rússia)
1964	Denis Law (Escócia)
1965	Eusébio (Portugal)
1966	Bobby Charlton (Inglaterra)
1967	Flórián Albert (Hungria)
1968	George Best (Inglaterra)
1969	Gianni Rivera (Itália)
1970	Gerd Müller (Alemanha)
1971	Johan Cruijff (Holanda)
1972	Franz Beckenbauer (Alemanha)
1973	Johan Cruijff (Holanda)
1974	Johan Cruijff (Holanda)
1975	Oleg Blokhin (Ucrânia)
1976	Franz Beckenbauer (Alemanha)
1977	Allan Simonsen (Dinamarca)
1978	Kevin Keegan (Inglaterra)
1979	Kevin Keegan (Inglaterra)
1980	Karl-Heinz Rummenigge (Alemanha)
1981	Karl-Heinz Rummenigge (Alemanha)
1982	Paolo Rossi (Itália)
1983	Michel Platini (França)
1984	Michel Platini (França)
1985	Michel Platini (França)
1986	Igor Belanov (Ucrânia)
1987	Ruud Gullit (Holanda)
1988	Marco Van Basten (Holanda)
1989	Marco Van Basten (Holanda)
1990	Lothar Matthäus (Alemanha)
1991	Jean-Pierre Papin (França)
1992	Marco Van Basten (Holanda)
1993	Roberto Baggio (Itália)
1994	Hristo Stoichkov (Bulgária)
1995	George Weah (Libéria)
1996	Mathias Sammer (Alemanha)
1997	Ronaldo (Brasil)
1998	Zinedine Zidane (França)
1999	Rivaldo (Brasil)
2000	Luís Figo (Portugal)
2001	Michael Owen (Inglaterra)
2002	Ronaldo (Brasil)
2003	Pavel Nedved (Tchéquia)
2004	Andriy Shevchenko (Ucrânia)
2005	Ronaldinho Gaúcho (Brasil)
2006	Fabio Cannavaro (Itália)
2007	Kaká (Brasil)
2008	Cristiano Ronaldo (Portugal)
2009	Lionel Messi (Argentina)
2010	Lionel Messi (Argentina)
2011	Lionel Messi (Argentina)
2012	Lionel Messi (Argentina)
2013	Cristiano Ronaldo (Portugal)
2014	Cristiano Ronaldo (Portugal)
2015	Lionel Messi (Argentina)
2016	Cristiano Ronaldo (Portugal)
2017	Cristiano Ronaldo (Portugal)
2018	Luka Modric (Croácia)
2019	Lionel Messi (Argentina)
2020*	-
2021	Lionel Messi (Argentina)
2022	Karin Benzema (França)
2023	Lionel Messi (Argentina)
2024	Rodri (Espanha)

*Prêmio não foi entregue em razão do Covid-19

ESPECIAL

FUTEBOL NA DIAGONAL

Brasil x Chile, pelas Eliminatórias, prometia dinheiro para quem depositasse Pix em transmissão pirata na internet

REPRODUÇÃO/YOUTUBE

DE UM LADO, DONOS DE CANAIS QUE DRIBLAM OS DIREITOS AUTORAIS E FAZEM UM 'EXTRA' DE ATÉ R$ 5 MIL EM UMA ÚNICA PARTIDA TRANSMITIDA ILEGALMENTE; DO OUTRO, TORCEDORES DESESPERADOS PARA ACOMPANHAR AQUELE JOGO IMPORTANTE DE SEU TIME. AUDIOVISUAL APONTA PARA PERDAS NA CASA DOS R$ 50 BILHÕES EM CINCO ANOS, ENQUANTO OPERAÇÕES TRATAM DE TIRAR SITES E APPS DO AR

Por: André Avelar
Design: LE Ratto

Se você, desesperado por um link de jogo decisivo do seu time, já assistiu a uma partida de futebol assim, como na imagem, pode nem achar tão estranho ler este trecho do texto. De qualquer forma, consumir o esporte entortando o pescoço não chega a ser uma prática agradável – a revista ao menos tem a vantagem de ser mais facilmente manipulada para ficar na horizontal em relação à TV ou ao computador. A pulverização das transmissões, benéfica em sua maioria, criou um indesejado (e ilegal, vale ressaltar) efeito colateral: o fenômeno do "futebol na diagonal" na internet.

Na esteira do excesso de pacotes de TV por assinatura e *streamings*, a prática ilícita é cada vez mais recorrente no Facebook e no YouTube. A pirataria tecnológica recorre ao formato na diagonal para driblar os robôs das plataformas que detectam uma transmissão que não pertence ao verdadeiro dono de milionários direitos de exibição. Pior do que isso, governo e entidades do setor apontam para roubo de dados, golpes via Pix e perdas bilionárias para a indústria.

No passado, com o chamado monopólio da TV aberta, era mais fácil saber qual jogo passaria na telona em frente ao sofá. Essa tarefa se complicou com os tantos canais da TV fechada e ainda os "Plays" e "Plus" disponíveis em catálogos nem sempre acessíveis à maioria. Atualmente, é impossível assistir a todos os canais de forma lícita por menos de 200 reais *(confira no quadro da página 42)*. Os interessados em assistir a um jogo fora do pacote contratado deixam até o centenário aparelho de rádio de lado e procuram na internet uma alternativa para acompanhar seu time. As formas como essas transmissões são feitas vão das mais simplórias às mais complexas.

"Tem que ter um pouco de habilidade com lista IPTV [sinais de televisão pela internet], computador para fazer essas transmissões, mas, depois que começa, não é tão difícil. Já derrubaram o meu sinal muitas vezes, aí subo de novo, mudo a tela. É uma sensação muito da hora quando você vê os números [de visualizações] subindo", disse um internauta do Recife, torcedor do Santa Cruz e dono de um dos canais piratas. Assim como os demais entrevistados do ramo, ele só aceitou falar com PLACAR sob anonimato.

Nas versões mais simples, um torcedor, direto da arquibancada mesmo, transmite ao vivo em sua rede social favorita a partida a que está assistindo, sem replay, tempo ou placar. Deu-se, então, o *upgrade* da ilegalidade, em que *hackers* transferem o sinal original (de satélite, cabo ou internet) para o computador e, em geral, com uma placa de vídeo externa, conseguem fazer a gravação do que está sendo exibido e assim reproduzir na

OPERAÇÃO 404

SÉTIMA FASE DA AÇÃO DO MINISTÉRIO DA JUSTIÇA, EM SETEMBRO DESTE ANO, AUMENTOU O CERCO CONTRA SITES E APPS ILEGAIS

675 sites bloqueados

30 mandados de busca apreensão

14 aplicativos removidos

9 prisões no Brasil

*números do Ministério da Justiça e Segurança Pública e reunidos pela ABTA

REPRODUÇÃO/YOUTUBE

Presidência da República
Casa Civil
Secretaria Especial para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 14.815, DE 15 DE JANEIRO DE 2024

Art. 3º Cabe à Agência Nacional do Cinema (Ancine) determinar a suspensão e a cessação do uso não autorizado de obras brasileiras ou estrangeiras protegidas.

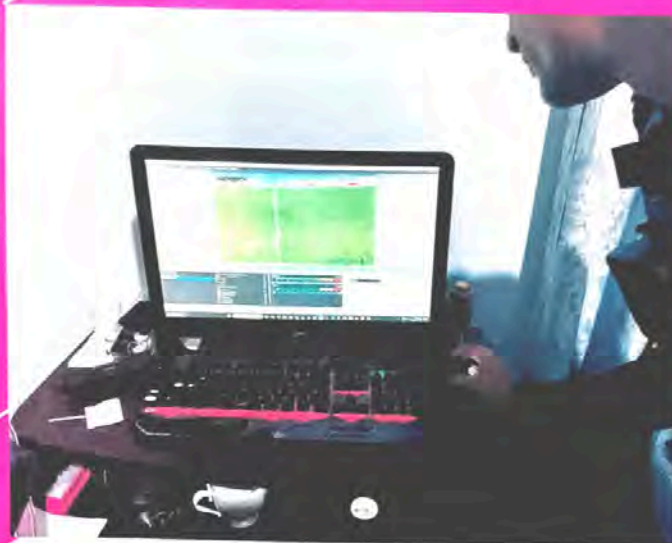
§ 2º São medidas de suspensão e cessação do uso não autorizado de obras protegidas as que impeçam sua emissão, difusão, transmissão, retransmissão, reprodução, acesso, distribuição, armazenamento, hospedagem, exibição e disponibilidade e quaisquer outros meios que impliquem violação de direitos autorais.

Direitos de transmissão são protegidos por lei, mas fiscalização e autuação contra pirataria ainda são complexas

O QUE DIZ A LEI

A ANCINE É QUEM DETERMINA 'SUSPENSÃO OU CESSAÇÃO' DE SITES E APPS QUE FAZEM TRANSMISSÃO PIRATA; ASSOCIAÇÃO DE TV COBRA EFICIÊNCIA

No início do ano, com a Lei nº 14.815, a Ancine ganhou mais poderes para "zelar pelo respeito ao direito autoral sobre obras audiovisuais nacionais ou estrangeiras". A agência é quem determina a "suspensão ou cessação" de obras que violem os direitos autorais. Apesar da publicação, o mercado audiovisual cobrou maior eficiência do setor. Em contato com a reportagem, a ABTA pediu maior empenho da agência, "uma vez que a pirataria ameaça negócios, empregos e direitos autorais". Procurada, a Ancine não retornou os contatos.

A recomendação para o cidadão que encontrar uma transmissão pirata é fazer a denúncia na própria plataforma e depois registrar a reclamação nos órgãos oficiais (Anatel e Ancine). Doutor em direito penal pela USP, o advogado criminalista Matheus Falivene aponta para a necessidade de separar a questão de quem intercepta ilegalmente o sinal de TV e quem assiste aos jogos. "Atualmente, os tribunais entenderam que o usuário está cometendo não um crime, mas um ilícito penal. Ele pode ser responsabilizado civilmente com o pagamento de multa, mas essa identificação é muito complexa, além de uma operação muito cara."

DIVULGAÇÃO/MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

Governo federal tem intensificado operações para retirar do ar sites, páginas e perfis

rede – e faturar com isso.

Por se tratar de uma transmissão ilegal, o título do vídeo tem que ser maquiado ou ganhar números e caracteres especiais. Chile e Brasil, pela nona rodada das Eliminatórias da Copa, com transmissão na Globo, era encontrada em um dos canais como BRA X XILHE e assistido por 6 200 pessoas simultaneamente no gol do 1 a 1, antes do fim do primeiro tempo. São Paulo e Atlético-MG, pelas quartas de final da Copa do Brasil, era S@0 P4ul0 x 4tl3t1c0, em que a letra 'A' virou '@' ou '4' e por aí vai.

E não importa muito se a partida está na TV aberta ou não. Pessoas em trânsito, sem acesso à TV no trabalho ou na faculdade e, claro, sem *streaming*, são os principais consumidores – as interações no chat também são um atrativo. Vale o aviso "ao vivo e com imagens" para não confundir com as transmissões de web rádio. O pitoresco artifício da imagem na diagonal dificulta a identificação pelas plataformas, pelos donos dos direitos e pela Ancine (Agência Nacional do Cinema), que regula esses sites.

Em setembro, na sétima fase da Operação 404 (em referência ao código de "página não encontrada" no servidor) do Ministério da Justiça, 675 sites foram bloqueados e 14 aplicativos foram retirados do ar. Inúmeras páginas e perfis também foram desindexados dos mecanismos de busca. Além disso, 30 mandados de busca e apreensão foram cumpridos, com nove pessoas presas só no Brasil. "A prática causa prejuízos significativos à economia e à indústria criativa, além de ferir os direitos de autores e artistas", disse o ministério em nota.

De acordo com a Associação Brasileira de Televisão por Assinatura (ABTA), 7 milhões de lares possuem TV boxes ilegais, aparelhos que se utilizam basicamente da mesma fonte de pirataria, mas não estão sob fiscalização da Anatel. Recentemente, a Agência Nacional de Telecomunicações admitiu o problema e distribuiu 12 000 reais em prêmios para as melhores soluções para bloquear a troca de dados de dispositivos não homolo-

mologados. Ainda segundo levantamento da associação, 47 milhões de pessoas acessam sites ou aplicativos piratas, o que teria causado uma perda de 51,7 bilhões de reais ao setor audiovisual entre 2017 e 2021.

'PIX PARA VER SEM ANÚNCIO'

Um internauta goiano, dono de um dos canais piratas mais populares do país, detém o que considera um dos recordes de arrecadação de Pix na modalidade que é febre para quem não quer pagar a TV por assinatura. Isso porque essas páginas também lotam o material de anúncios de publicidade e pedem dinheiro para enviarem a transmissão, aí sim, sem anúncios e com a imagem na forma tradicional.

"Cheguei a ganhar 5 000 reais com um único jogo. Sempre desse modo, pedindo Pix para quem estava assistindo. Do nada, muita gente queria ver a Supercopa do Brasil entre Palmeiras e Flamengo, em 2023, mesmo passando em TV aberta", completou o torcedor do Vila Nova. "Depois dessas ações, foquei mais em dar cursos de como ganhar dinheiro na internet. Ainda faço mentoria para grupos, mas não é mais o meu foco", complementou.

O que aos olhos mais leigos poderia até ser um serviço justo, quase inofensivo, abriu brechas para golpistas. Além de links maliciosos, capazes de roubar dados dos usuários, há quem anuncie o sorteio de um iPhone de preço superior a 8 000 reais e, como no exemplo da seleção brasileira nas Eliminatórias, promete 2 700 reais para as sete primeiras pessoas que enviarem um depósito no valor de 7,99 reais. "Caso você não ganhe, o seu dinheiro será devolvido, reembolsado, ressarcido em 100% do valor que você enviou. Não tem risco nenhum", dizia uma voz com um chiado ensurdecedor, em cima da transmissão da Globo, narrada por Luís Roberto.

Pouco tempo depois, uma pessoa, chamada Pedro, aparece filmando a tela de outro celular, indicando que o depósito em questão havia sido feito. Pedro, no entanto, não aparece na lista dos sete nomes em questão, notabilizando o golpe mesmo que estivesse se tratando de outro sorteio. A forma é questionada mesmo por quem "já tentou fazer uma grana extra" com jogos na internet. Um torcedor do Grêmio, natural de Pelotas, admite que tentou ganhar dinheiro dessa forma, mas depois se arrependeu. "Não vou negar que já pedi dinheiro em *lives*.

SEGUIR A LEI CUSTA CARO

CONFIRA OS PREÇOS PARA ASSINAR OS CANAIS FECHADOS QUE DETÊM OS DIREITOS DOS PRINCIPAIS CAMPEONATOS NACIONAIS E INTERNACIONAIS

SPORTV R$ 89,90
Séries A e B, Copa do Brasil e Bundesliga

PREMIERE R$ 29,90
Séries A e B e Copa do Brasil

MAX R$ 18,90
Champions League

DISNEY+ R$ 43,90
Copa do Nordeste, Libertadores, Sul-Americana e Europeus

PARAMOUNT+ R$ 14,90
Libertadores e Sul-Americana

PRIME VIDEO R$ 19,90
Copa do Brasil

DAZN R$ 29,50
Série C e Copa do Nordeste

*Levantamento considera valores de entrada dos serviços e sem vínculo com outros produtos

7 MILHÕES DE LARES COM TV BOXES ILEGAIS

47 MILHÕES DE PESSOAS ACESSAM SITES OU APPS PIRATAS

R$ 51,7 BILHÕES DE PERDAS PARA O AUDIOVISUAL ENTRE 2017 E 2021

"JÁ PEDI DINHEIRO EM LIVES, MAS VOCÊ COMPETE CONTRA UNS CARAS DE PAU. PODE ATÉ SER VERDADE UM OU OUTRO GANHADOR, MAS NÃO TEM COMO ISSO NÃO SER GOLPE"

PEDOFILIA x PIRATARIA?

PRESIDENTE DE LALIGA CHEGOU A EXAGERAR EM COMPARAÇÕES PARA DEFENDER MAIOR RIGOR CONTRA FRAUDES AUDIOVISUAIS NA EUROPA

Não é só no futebol brasileiro que as fraudes audiovisuais atuam. Os campeonatos europeus também estão disponíveis irregularmente de forma gratuita na internet. Javier Tebas, o presidente da espanhola LaLiga e um dos dirigentes mais influentes no Velho Continente, comparou em abril deste ano o acesso a drogas e conteúdo de pedofilia ao da pirataria. "Se no Google você pesquisar 'quero comprar cocaína' ou 'sexo infantil', não aparece nada [por ser bloqueado pela plataforma]. Mas, se colocar 'futebol grátis', aparece", como relatou o jornal *Marca*.

Ainda que tenha caído mal para a crítica, Tebas levantou um importante debate e chamou os piratas de "máfias organizadas". Segundo o espanhol, só em 2023 foram retirados do ar 1 251 vídeos do YouTube, 938 000 materiais de redes sociais e 61 000 perfis, todos com conteúdo de fraude audiovisual.

Os números podem ser comemorados, mas apontam para uma necessidade de maior emprego de tecnologia, criação de uma agência para essas denúncias e até mesmo cooperação por integrantes da União Europeia.

No entanto, nem mesmo a boleirada resiste à tentação da pirataria portátil. Meses depois da declaração de Tebas, o meia-atacante do Barcelona, Fermín López, postou uma imagem do seu time em jogo contra o Valência, pelo Espanhol. A foto da tela do celular entregava que o jogador estava assistindo ao jogo por um site ilegal. Com a repercussão negativa, o jogador apagou o registro no Instagram.

REPRODUÇÃO/INSTAGRAM

Fermín López, do Barcelona, contrariou a própria recomendação do presidente de LaLiga, Javier Tebas

DIVULGAÇÃO/WEB SUMMIT

Mas é muito difícil cumprir as regras [de monetização] do YouTube, e você compete contra uns caras de pau que pedem dinheiro toda hora em leilão. Pode até ser verdade um ou outro nome que aparece ali na tela, mas não tem como isso não ser golpe."

Não são apenas pessoas comuns que faturam com a pirataria esportiva. Sites como Futemax, Futebolplay e Multicanais são "consagrados" nesse meio. Em suas páginas, com domínios que escapam ao conhecido ".com.br", as opções para o futebol são extensas, mas não seguras. A facilidade para assistir aos jogos ilegalmente é inversamente proporcional às formas de denunciar esses canais. No Procon, órgão do governo de proteção ao consumidor, não é possível fazer uma reclamação uma vez que não se sabe, por exemplo, o CNPJ dessas empresas. O mesmo ocorre na plataforma Reclame Aqui, já que as empresas não aparecem no cadastro.

Nunca é demais lembrar que as emissoras desembolsam quantias astronômicas pelos direitos de transmissão oficiais. De acordo com o portal F5, a Record vai desembolsar mais de 210 milhões de reais anuais para voltar a transmitir alguns jogos do Brasileirão a partir de 2025. ■

POR UM LUGAR A

Volta Redonda quase caiu no Carioca, mas organizou a casa e conquistou a Série C

BRENO BABU | CBF

AR AO SOL

VOLTA REDONDA (RJ), ATHLETIC (MG) E RETRÔ (PE) GARANTIRAM ACESSOS NO BRASILEIRO, ENQUANTO OS PAULISTAS NOVORIZONTINO E MIRASSOL BRIGAM POR VAGA INÉDITA NA ELITE. PLACAR REVELA O SEGREDO DO SUCESSO DAS NOVAS SENSAÇÕES DO FUTEBOL NACIONAL

Por: André Avelar e Guilherme Azevedo
Design: LE Ratto

BRENO BABU / CBF

No mundo do futebol, pensar que "a grama do vizinho é sempre mais verde" pode ser uma boa estratégia, principalmente, para times das séries C e D do Brasileirão. O ditado popular reforça que clubes de divisões inferiores podem (e devem) se inspirar naqueles que estão acima para conseguir os seus acessos e a perspectiva de dias melhores.

Retrô-PE, Anápolis-GO, Maringá-PR e Itabaiana-SE (da D para a C); Volta Redonda-RJ, Athletic-MG, Ferroviária-SP e Remo-PA (da C para a B) foram os times que subiram. Não há uma só fórmula para conseguir a classificação, mas alguns pontos são comuns nessas trajetórias. As referências para quem busca um lugar ao sol são o Grêmio Novorizontino-SP e, apesar de mais velho, o Mirassol-SP, clubes que, até o fechamento desta edição, estavam próximos de confirmar o acesso inédito à Série A.

O time da cidade de Novo Horizonte lembra em nome, cor, símbolo e até mascote, mas não é o mesmo Grêmio Esportivo Novorizontino. Este último encerrou as atividades em 1999 e, em 2010, com outra diretoria, nasceu o atual Aurinegro, também apelidado de Tigre, que manda seus jogos no estádio Jorge Ismael de Biasi, a 400 km da capital paulista.

Em 2023, a equipe figurou em boa parte do campeonato entre as quatro mais bem colocadas da Segundona, mas desperdiçou grandes oportu-

nidades e terminou na quinta colocação. Neste ano, já havia mostrado suas credenciais ao eliminar o São Paulo nas quartas de final e até equilibrando as coisas contra o Palmeiras nas semifinais do Estadual.

Diretor-presidente que comanda o clube em seu primeiro ano de SAF, Genilson Santos reconhece que o trabalho serve de espelho. "O sonho de chegar à Série A nunca esteve tão vivo. Entendemos que o dinheiro é fundamental para o futebol, mas não faz o jogo sozinho. Vamos procurar investir com o mínimo de erro."

O goleiro Jordi, o lateral-esquerdo Danilo Barcelos, o meio-campo Willian Farias e o atacante Lucca são alguns dos nomes que já estiveram em grandes times. Junto deles, há outros jogadores perto dos 30 anos, mas que tiveram poucas chances em grandes centros, como é o caso do atacante Neto Pessoa, artilheiro do time do técnico Eduardo Baptista.

No Mirassol, que com o Novorizontino faz o Clássico da 017 (em referência ao DDD da região) e briga por uma igualmente inédita vaga na elite, a construção do elenco do técnico Mozart foi parecida. Alex Muralha é o goleiro, com Zeca na lateral-esquerda, Chico Kim no meio e Dallatorre na frente, em uma mescla de jogadores com passagens em clubes de maior estrutura.

"Temos a responsabilidade de representar uma região inteira. Os torcedores se sentem representados por essa instituição que vem crescendo de maneira importante", disse o treinador do Leão. O "crescimento" citado por Mozart faz referência às boas campanhas da equipe na elite do Paulista, quando desbancou São Paulo (2020) e Santos (2021) em semifinais, coroado com os títulos da Série D (2020) e da C (2022). Mesmo tendo estreado no profissionalismo em 1951, foi só nos últimos anos que o time obteve mais sucesso.

A receita dos caipiras paulistas (investimento em infraestrutura e em jogadores experientes) foi seguida pelas sensações das séries C e D. No Volta Redonda, o técnico Rogério Corrêa assumiu o comando no lugar de Felipe Maestro, afastou o time de eventual queda no Cariocão e, sete meses depois, conquistou o título da Série C com duas vitórias nas partidas decisivas (1 a 0 e 2 a 0) contra o Athletic.

Com quase 50 anos de história, o Voltaço teve lá os seus feitos entre o fim da década de 80 e o início da de 90. Em um salto no tempo, o clube chegou até a sonhar com melhores dias na conquista da Série D, em 2016. Uma repentina fuga de investimentos, no entanto, fez o time cair pelas tabelas e ser rebaixado no Carioca, seis anos depois do primeiro título nacional.

O vice-campeão foi ainda mais surpreendente. Praticamente redescoberto, o centenário Athletic agitou os sinos das igrejas de São João del-Rei (MG), a menos de 200 km de Belo Horizonte, quando conquistou o iné-

DIVULGAÇÃO

Centenário Athletic foi praticamente redescoberto em São João del-Rei e ficou com uma vaga

SOBE E DESCE

SUBIRAM

C para B

Volta Redonda, Athletic, Ferroviária e Remo

D para C

Retrô, Anápolis, Maringá e Itabaiana

DESCERAM

C para D

Sampaio Corrêa, Aparecidense, Ferroviário e São José-RS

dito acesso sob o comando do ex-atacante Roger Silva. O Esquadrão de Aço investiu na profissionalização para obter grandes resultados em apenas seis anos e agora vai em busca de ainda mais recursos.

"Bati literalmente em muitas portas. Pedia patrocínio de 100 e 200 reais e as coisas foram acontecendo, viraram na casa dos milhares e depois milhões. Vamos evoluir, melhorar salário, aumentar estrutura e crescer em desempenho", disse o presidente da SAF, Fábio Mineiro, que projeta ampliar a capacidade do estádio de 4 000 para 6 500 pessoas. O veterano Jonathas, ex-Corinthians, foi o vice-artilheiro do torneio, com nove gols.

Vindo da Série D, o Retrô, caçula dessa turma, fundado em 2016, também tem ambições, como o plano de erguer um estádio para até 12 000 torcedores. O time de Camaragibe (PE), a 15 km do centro de Recife, se orgulha da estrutura que nasceu como um projeto social para jovens e adolescentes.

HIGOR BOSSO / NOVORIZONTINO

Clássico da 017: Mirassol e Novorizontino são exemplos para Retrô, que subiu para C

"O Retrô já nasceu grande em questão de estrutura. O mínimo que almejamos é a Série B e, depois, se tiver a condição de se estabilizar, buscar o acesso à Série A. Olhamos, por exemplo, os trabalhos de Novorizontino e Mirassol", admite o executivo de futebol Francisco Sales. "A condição que temos aqui é para disputar e brigar pelo título de uma Copa do Nordeste."

O elenco do Retrô conta com os experientes Jean (ex-São Paulo, Palmeiras, Fluminense), Jonas (Flamengo), Rômulo (Vasco, Spartak Moscou, Flamengo) e Fernandinho (São Paulo, Grêmio). Estes nomes já são conhecidos. Guarde agora o dos clubes em franca ascensão. ■

RAFAEL RIBEIRO / CBF

NÃO É NOVIDADE QUE A PAIXÃO PELO CLUBE DO CORAÇÃO TRANSCENDE OS LIMITES INTERMUNICIPAIS E INTERNACIONAIS. TORCEDORES DE ATLÉTICO MINEIRO, BOTAFOGO E RIVER PLATE COMPROVARAM ISSO, EM SÃO PAULO, NAS SEMIFINAIS DA LIBERTADORES

Por: Pedro Cohem
Fotos: Kaio Lakaio
Design: LE Ratto

Segunda casa: torcedores transportam a atmosfera do Nilton Santos, da Arena MRV e do Monumental de Núñez para bares da capital paulista

AMOR SEM FRONTEIRAS

Poucas pessoas compreenderam tanto a essência de um torcedor fanático quanto o saudoso escritor uruguaio Eduardo Galeano (1940-2015). O ilustre *hincha* do Nacional de Montevidéu dizia que "um homem pode mudar de mulher, partido político e religião, mas não pode mudar de time de futebol". No livro *O Futebol ao Sol e à Sombra*, Galeano descreveu assim a rotina dos apaixonados.

"Uma vez por semana, o torcedor foge de casa e vai ao estádio. Ondulam as bandeiras, soam as matracas, os foguetes, os tambores, chovem serpentinas e papel picado: a cidade desaparece, a rotina se esquece, só existe o templo. Neste espaço sagrado, a única religião que não tem ateus exibe suas divindades. Embora o torcedor possa contemplar o milagre, mais comodamente, na tela de sua televisão, prefere cumprir a peregrinação até o lugar onde possa ver em carne e osso seus anjos lutando em duelo contra os demônios da rodada."

Mas nem todos os fiéis têm a chance de frequentar seu santuário, e quem já viveu um amor a distância, ou ao menos já assistiu a filmes ou séries com essa temática, compreende o fardo da saudade. O futebol, porém, oferece algumas alternativas. São Paulo, a maior metrópole da América Latina, foi erguida com o suor de seus imigrantes. Hoje, a selva de pedra conta com mais de 11 milhões de habitantes, sendo algumas centenas de milhares torcedores de clubes de outros estados e países. A vantagem de se viver numa capital cosmopolita é ter boas opções para se unir a seus semelhantes. PLACAR visitou os chamados consulados de Atlético-MG, Botafogo e River Plate, três dos semifinalistas da Copa Libertadores 2024, para entender as dores e as delícias do amor a distância por uma camisa.

Dizem que a vida não é preto no branco. O botafoguense Carlos Henrique Dias discorda. Há oito anos diretor da torcida Sampafogo, com sede no segundo andar do bar Salvador, no bairro de Moema, o jornalista gosta de dizer que "foi escolhido" pelo Glorioso quando ainda era criança. Encostado em uma das paredes do local, que tem até escadaria envelopada com a letra do hino do Fogão, ele contou: "Sempre fui o único [botafoguense] da escola, do bairro, da cidade... Era difícil ter outras pessoas para juntar e assistir aos jogos, e esse é o intuito do grupo. Hoje vem gente de vários lugares torcer pelo Botafogo". De família corintiana, ele diz ter virado botafoguense em razão de um personagem inusitado: não foi Túlio Maravilha ou Loco Abreu, mas... o Pato Donald. "Meu pai colecionava álbuns de figurinhas e um dia perguntei de quem era a camisa que o pato vestia. Desde então, vivo essa loucura e o amor só aumenta." E, depois de pensar um segundo, balançou os ombros e admitiu: "Todo mundo acha o cúmulo, mas sou paulista. Nosso consulado é como se fosse o Nilton Santos em São Paulo".

Naturalmente, a maior parte dos torcedores é formada por cariocas que hoje trabalham em São Paulo. Não é o caso de Vicente Itri, veterano e um dos fundadores do grupo. Paulista, ele se considera privilegiado: "Você não escolhe o Botafogo, é ele quem te escolhe. Desde pequeno sou botafoguense. O Glorioso sempre foi um clube que forneceu jogadores para a seleção brasileira. Isso, para nós, é uma grande satisfação", diz o senhor de 71 anos, feliz em ver Luiz Henrique e Igor Jesus mantendo essa tradição na equipe canarinho.

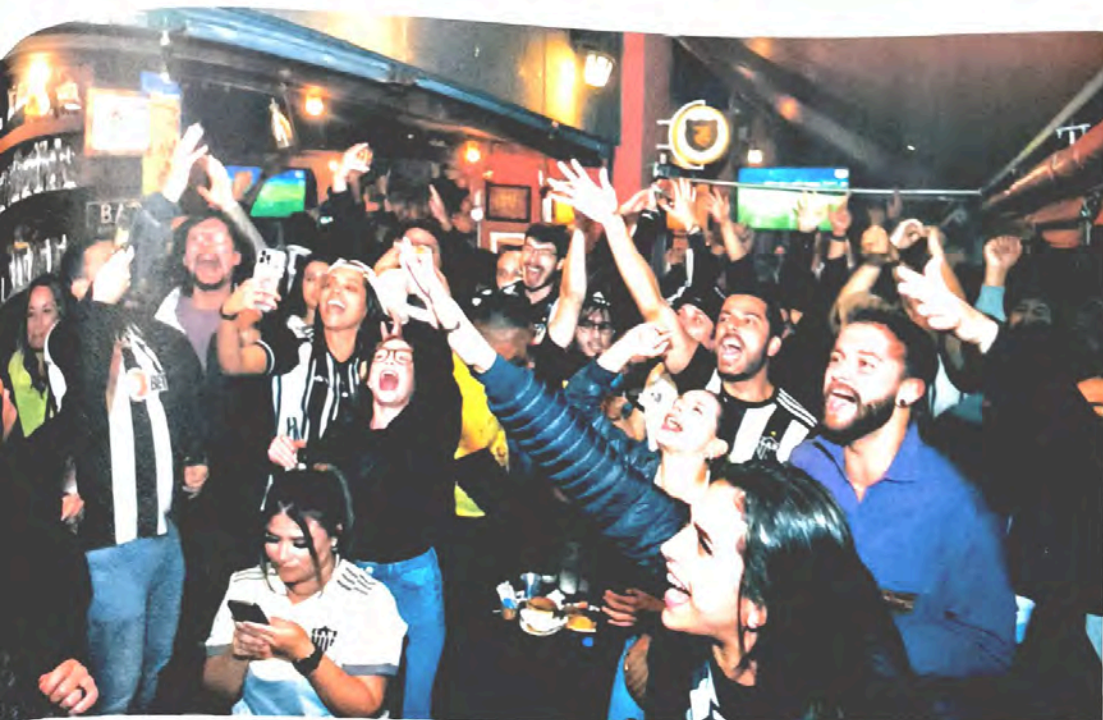
A apenas 6 quilômetros de distância, há um consulado com nome e cores parecidas, mas com sotaque (e tempero) mineiro. A Galosampa, união de torcedores do Atlético-MG, tem sede no bairro da Vila Nova Conceição, no Portella Bar. Um dos veteranos do grupo é Marcos Antonio da Silva, mais conhecido como Belico. Natural de Belo Horizonte, ele veio com mais seis irmãos para São Paulo em busca de oportunidades de trabalho. Tornou-se metroviário e jamais abandonou o amor que nasceu em 1979, em um amistoso beneficente entre Galo e Flamengo. "Na época, fiquei p... da vida ao ver muitos mineiros torcendo para um time carioca", relembra.

Nos primeiros anos fora de Minas, ainda morando em Campo Limpo, na Grande São Paulo, Belico tinha a leitura como melhor remédio para a saudade do Atlético. "Descobri que na Praça da República tinha uma banca que vendia o *Diário da Tarde* [extinto jornal mineiro], sempre com reportagens do Galo. Pegava um ônibus e atravessava a cidade só para folhear essas páginas, além, claro, das da PLACAR." Ao descobrir que alguns atleticanos se reuniam no bar criado pelo lendário narrador Luciano do Valle, o Valle Sports Bar, em 2001, fez questão de espalhar a palavra. "Como eu trabalhava no metrô, sempre que via alguém com a camisa do Galo, fazia questão de convidar."

Enquanto Bahia e Leda, funcionários do bar, passavam para lá e para cá com muito torresmo, linguiça acebolada, cerveja e caipirinha, um copo caiu e estourou, deixando os cerca de 150 presentes assustados. A reação veio em uníssono: "GALO!". Animadíssimo com o triunfo atleticano, Belico exagerou ao descrever seu amor a distância: "O Galo está na prateleira de cima da minha vida. Primeiro o Galo, depois minha filha, esposa, mãe..."

O amor por uma camisa, como se sabe, não para na alfândega. PLACAR também visitou o quartel-general dos *millonarios*, como são conhecidos os torcedores do River, e fomos recebidos pelo vendedor de mate argentino Damián Depaoli, de 39 anos. Ele se mudou para o Brasil por causa de uma oportunidade de trabalho e, desde então, acompanha os jogos da equipe junto de seus fiéis escudeiros, no Malum Bistrô e Parrilla, no Jardim Paulista. "Vir para cá é como ir ao Monumental. A primeira coisa que os *millonarios* fazem quando se mudam para São Paulo é nos procurar", afirmou em bom portunhol. No Brasil há 12 anos, ele contou como o consulado, ou melhor, *la filial* o ajudou a se sentir mais próximo de casa. "Nos primeiros anos, para eu me adaptar ao Brasil, tive que conhecer sua cultura", disse ele, enquanto prendia o cabelo num rabo de cavalo. "Troquei a música argentina pela brasileira, os hábitos de lá pelos de cá, mas a única coisa de que não abro mão é assistir ao River Plate. É o que dá cor à vida."

O mesmo aconteceu com Lautaro Carvallo, de 21 anos, jogador de futebol que desembarcou em outubro em São Paulo, atrás de oportunidades. Quando não tem a bola no pé, não desgruda das telas em busca de informações do River. "É o grande amor da minha vida", disse ele, sem pudor, ao lado da namorada. Embaixo da camiseta listrada de vermelho, branco e preto, Carvallo exibiu suas tatuagens em referência ao time, com direito à frase "Gloria Eterna", em alusão ao título da Libertadores.

Entre *choripans* e fernets (e sob forte chuva do lado de fora na terra da garoa), os cantos de "River mi buen amigo" foram diminuindo à medida que o Atlético-MG ampliava a vantagem aberta no jogo de ida da semifinal. Nada que abalasse o orgulho de vestir a famosa faixa diagonal vermelha. Seja no Brasil, seja na Argentina ou em qualquer lugar, a paixão por um clube de futebol jamais encontra fronteiras. ■

O consulado do Botafogo já tem um andar permanentemente decorado em alusão ao clube, enquanto atleticanos e *millionarios* levam seus adereços nos dias de jogo

Quem diria: Arne Slot obteve melhor início de um técnico na história do Liverpool, logo após assumir a vaga do ídolo Jürgen Klopp, campeão da Premier e da Champions pelos Reds

UMA NOVA ERA

ARNE SLOT HERDOU O LIVERPOOL DO ÍDOLO JÜRGEN KLOPP E JÁ COMEÇA A IMPRIMIR SUA MARCA. A ESTATÍSTICA CHOCA, MAS É REAL: O JOVEM HOLANDÊS É APENAS O 21º TÉCNICO DO CLUBE INGLÊS EM 132 ANOS DE HISTÓRIA

Por: Enrico Benevenutti
Design: LE Ratto

Responda rápido: quantos técnicos passaram pelo comando do seu time na última década? Talvez sejam tantos que você nem se lembre da passagem de alguns. Aquele interino que assumiu como tampão e foi ficando até ser demitido na primeira sequência negativa; ou então o medalhão que rapidamente perdeu o controle do grupo e levou para casa aquela multa rescisória polpuda. Agora repita essa pergunta a um torcedor do Liverpool, e talvez ele consiga te responder a lista completa de todos os técnicos da história do clube. Ao longo dos 132 anos de vida, os Reds tiveram apenas 21 treinadores, uma média de mais de seis anos de respaldo para cada um.

O holandês Arne Slot, de 46 anos, é o mais novo integrante desse seleto grupo. O holandês assumiu sob pressão e desconfiança da torcida, após nove anos de completa simbiose entre a arquibancada de Anfield e Jürgen Klopp. O carismático treinador alemão conquistou oito títulos, incluindo uma Liga dos Campeões, um Mundial de Clubes e a tão sonhada Premier League, encerrando um jejum de 30 anos sem título inglês. Klopp se despediu dos ingleses em meio a muita emoção e meses depois foi anunciado como diretor de futebol do grupo Red Bull (sob protestos de torcedores do outro clube em que é lenda, o Borussia Dortmund). Bastaram dez jogos para Slot entrar para a história de Anfield, com nove vitórias e apenas uma derrota, o melhor início de trabalho no clube. Ainda que a boa fase seja quebrada, é certo que o ex-treinador do Feyenoord terá vida longa em seu novo lar.

É assim que funciona o Liverpool, com confiança e sequência no trabalho do treinador. John McKenna foi o primeiro técnico dos Reds, ainda no século retrasado. Para dar continuidade, Tom Watson assumiu o cargo em 1896 e seguiu até 1915, por 19 anos e mais de 700 jogos. O lendá-

rio Bill Shankly foi técnico por 15 anos e grande responsável por reestruturar o time para o que seria o período mais vitorioso do Liverpool, sob o comando do histórico Bob Paisley. Foram 20 títulos conquistados em nove anos e mais de 500 jogos. Mesmo em épocas de vacas magras, demitir técnicos (como Gérard Houllier, Rafa Benítez e Brendan Rodgers) e queimar o trabalho rapidamente jamais fez parte da filosofia do clube de raízes populares e tão orgulhoso de sua identidade.

A filosofia do Liverpool, porém, não é tão singular assim no Reino Unido. O grande rival, Manchester United, por exemplo, também não é de trocar tanto o comando. O ilustre Sir Alex Ferguson dirigiu os Diabos Vermelhos por nada menos que 27 anos. Na Escócia, o Rangers teve Bill Struth como técnico por 34 anos, enquanto o Celtic confiou no trabalho de Willie Maley por 43 anos consecutivos. No futebol moderno é quase impossível pensar em trabalhos tão longevos, em razão das altíssimas exigências física e mental. Na era do imediatismo, mesmo os dirigentes mais profissionais optam por demissões e trocas do corpo técnico. O último a passar décadas sentado na mesma cadeira talvez tenha sido Arsène Wenger, por 22 anos, no Arsenal.

No futebol brasileiro, os casos de técnicos com trabalhos longos são ainda mais raros. O relacionamento entre São Paulo e Telê Santana nos anos 90 resultou em título da Libertadores e o técnico brasileiro entrou para a história do clube tricolor. Mais recentemente, na última década, o Corinthians tentou a manutenção de técnicos que mais tarde foram cruciais para os títulos conquistados: Mano Menezes, Tite e Fábio Carille. Ainda assim, o Timão foi mais um que entrou na dança das cadeiras do futebol brasileiro e passou a contratar e demitir com facilidade: foram dez diferentes nomes que comandaram a equipe paulista desde 2020, entre fixos e interinos. O Flamengo demitiu Tite no último mês e anunciou a promoção de Filipe Luís ao profissional, o nono técnico desde a saída de Jorge Jesus, em 2019.

O Palmeiras caminha na contramão dos rivais e no mesmo período optou por manter Abel Ferreira, há quatro anos no cargo. Os títulos da Libertadores em 2020 e 2021 foram cruciais para a sequência do português. O Fortaleza também aposta na manutenção de Vojvoda, há três anos no cargo, mesmo período de Claudio Tencati no Criciúma. O próprio Jürgen Klopp, em 2019, comentou sobre o cenário instável: "O que os clubes brasileiros estão fazendo é muito errado. Pelo que eu conheço, os clubes estão sempre contratando o treinador por uma semana, um, dois ou três meses, e não dá para ter um desempenho maravilhoso assim. Não é possível", disse ao Esporte Interativo.

A CBF tentou alterar esse cenário de instabilidade dos técnicos na temporada 2021, limitando para apenas uma demissão por clube ao longo do Campeonato Brasileiro. Os times, no entanto, burlaram a regra e passaram a demitir "em comum acordo", o que não entrava na conta. A medida durou apenas uma temporada, e em 2022 os clubes votaram de forma unânime pelo fim da regra. Se mesmo quem trabalha o futebol por dentro não parece ter interesse em contribuir com um melhor cenário, parece improvável que a dança das cadeiras cesse tão cedo.

Até o fechamento desta edição, o Brasileirão somou 23 trocas de técnico ao longo do campeonato. Bahia, Fortaleza, Grêmio, Palmeiras e Red Bull Bragantino foram os únicos a seguir com um mesmo treinador desde o início da temporada. Na última década, o Grêmio, de Renato Gaúcho, foi o clube brasileiro que menos contratou treinadores *(veja tabela acima)*. ■

TÉCNICOS DO LIVERPOOL EM 123 ANOS

- 1º JOHN MCKENNA 1892-1896
- 2º TOM WATSON 1896-1915
- 3º DAVID ASHWORTH 1919-1923
- 4º MATT MCQUEEN 1923-1928
- 5º GEORGE PATTERSON 1928-1936
- 6º GEORGE KAY 1936-1951
- 7º DON WELSH 1951-1956
- 8º PHILL TAYLOR 1956-1959
- 9º BILL SHANKLY 1959-1974
- 10º BOB PAISLEY 1974-1983
- 11º JOE FAGAN 1983-1985
- 12º KENNY DALGLISH 1985-1991 e 2011-2012
- 13º RONNIE MORAN 1991
- 14º GRAEME SOUNESS 1991-1994
- 15º ROY EVANS 1994-1998
- 16º GÉRARD HOULLIER 1998-2004
- 17º RAFA BENÍTEZ 2004-2010
- 18º ROY HODGSON 2010-2011
- 19º BRENDAN RODGERS 2012-2015
- 20º JÜRGEN KLOPP 2015-2024
- 21º ARNE SLOT 2024-?

NÚMERO DE TÉCNICOS DOS CLUBES BRASILEIROS NOS ÚLTIMOS 10 ANOS

Clube	Técnicos
Vitória	25
Criciúma	23
Athletico-PR	22
Flamengo e Vasco	21
Cruzeiro	19
Cuiabá	18
Atlético-GO, Atlético-MG e Botafogo	17
Bahia e Corinthians	16
Bragantino, Inter e Juventude	15
Fluminense e São Paulo	14
Palmeiras e Fortaleza	11
Grêmio	6

* contamos apenas técnicos efetivos; os interinos foram desconsiderados

Panorama campeão: crianças de 11 a 15 anos ganharam chuteiras, uniformes e cesta básica

ALEGRIA QUE NÃO TEM PREÇO

O FIM DE SEMANA QUE FECHOU A 1ª EDIÇÃO DA COPA PLACAR COMUNIDADES FICARÁ PARA SEMPRE MARCADA NA MEMÓRIA DAS 240 CRIANÇAS QUE FORAM A CAMPO E DE TODOS OS VOLUNTÁRIOS

Por: André Avelar / Fotos: Alexandre Battibugli / Design: LE Ratto

A solidariedade falou mais alto na final da 1ª edição da Copa PLACAR Comunidades. Em sua versão "jovens", as escolinhas do Jardim Panorama (sub-11 e 13) e do Caveirinha (15) foram as grandes campeãs. Figueira Grande e Rosana foram as outras duas participantes do torneio que reuniu 240 crianças de comunidades carentes da zona sul de São Paulo, para cinco sábados de disputas em campos de futebol *society*.

Organizado pelo Instituto PLACAR, com apoio da Construtora JRJ, Decathlon, Futcross Capitaly, MobiBrasil, Genco, Grupo T.D. e Troféus Olimpo, a final saiu do Jardim Ângela e foi disputada no Clube das Pitangueiras, em Cotia, na Grande São Paulo. A mudança de lugar, inclusive, possibilitou ao menos por um dia a experiência em um horizonte diferente ao qual os garotos estão acostumados.

Padrinho da competição, o ex-jogador Danilo Avelar, com passagens por Corinthians e América-MG, lembrou a própria trajetória antes de virar jogador profissional. Natural de Paranavaí (PR), o antigo zagueiro e lateral-esquerdo se profissionalizou no Rio Claro, do interior de São Paulo, a 640 km de casa, depois de disputar inúmeros torneios amadores. "Eu me vi nessas crianças. É a nossa essência. O Brasil é isso. Os meninos e meninas aqui têm o DNA do nosso futebol e estão só esperando uma oportunidade. Exatamente como aconteceu na minha vida e na minha carreira, quando saí do Paraná e vim para São Paulo para realizar o meu sonho", disse.

A final mais aguardada, na categoria sub-15, assim como as outras duas, foi entre Panorama e Caveirinha. A partida foi bastante disputada, com viradas malucas e final em 5 a 3 para o Caveirinha. Depois de estar perdendo por 2 a 1, o artilheiro Diogo Rodrigues começou a enfileirar gols – foram logo quatro – e ganhou entradas para assistir a um jogo no Camarote PLACAR do Allianz Parque. "Foi um jogo histórico. Com quatro gols na conta, ingresso no bolso, a volta para casa não poderia ser melhor", disse o centroavante.

Fã de Endrick, o camisa 9 se inspira no hoje jogador do Real Madrid e sonha em jogar profissionalmente. "O Endrick é jovem e aí já tem uma identificação. Além disso, tem força física, habilidade, chute forte. São coisas que me espelho nele. Sei que tenho muito a evoluir para quem sabe me fixar em um clube, com alojamento, em que possa ter uma rotina no futebol", revelou.

Muito antes de um potencial futuro em estádios pelo Brasil e o mundo, o propósito ali é mudar, pelo menos um pouco, a realidade dos jovens. A organização distribuiu cestas básicas, chuteiras e uniformes para todos os atletas. "É muito mais que doar dinheiro. É doar o tempo, ter compaixão com o próximo. Devo inúmeros agradecimentos para todos os envolvidos nesse projeto", disse Gustavo Leme, CEO da PLACAR. "As ideias surgiram e a coisa saiu do papel. Fomos recompensados pelo que vemos e ouvimos dessas crianças. Foi muito gratificante estar aqui", completou Rodrigo Suassuna, conselheiro do instituto.

Inúmeras vezes parada pela comunidade para agradecimentos, Vanessa Miranda, vice-presidente, se emocionou com o fim do campeonato. "Fico sem palavras para explicar a alegria que tivemos ao ver o retorno das crianças e dos familiares. Só o abraço genuíno de uma criança traduz o que a gente sentiu", resumiu. ■

Times de Caveirinha e Figueira festejam; artilheiro Diogo ganhou par de ingressos para o Camarote PLACAR

CONHEÇA O INSTITUTO PLACAR E SAIBA COMO AJUDAR EM
www.institutoplacar.org.br

EDIÇÃO: LUIZ FELIPE CASTRO

PRORROGAÇÃO

CULTURA, MEMÓRIA & IDEIAS

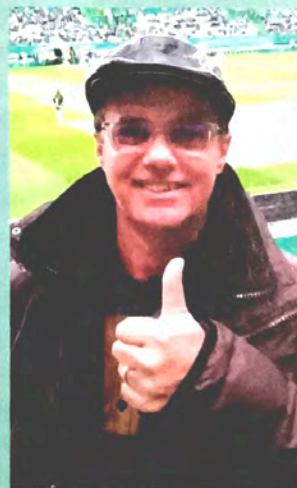
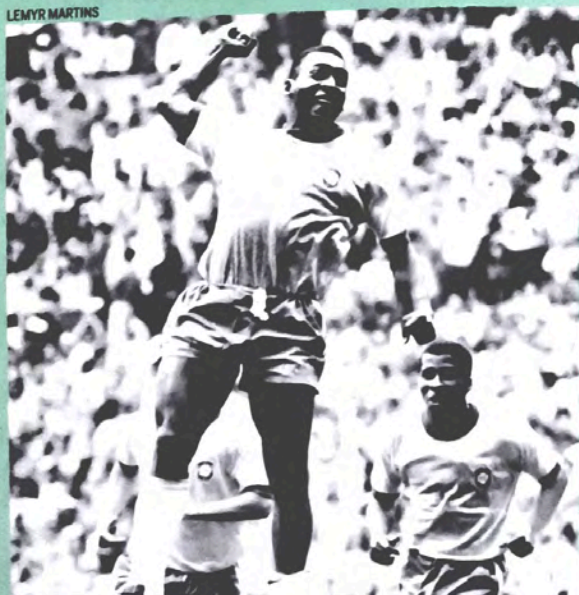
58

HISTÓRIA
Falcão e JB Scalco: como a tabelinha entre os craques gerou uma fotografia icônica na Copa de 1982

JB SCALCO

LEMYR MARTINS

62

LITERATURA
Pelé, Mané e companhia: livro desvenda mais de 800 famosos apelidos de nossos craques

65

TIME DOS SONHOS
Atacante bicampeão mundial pelo São Paulo, Palhinha sai do óbvio com sua seleção ideal

O ARTESÃO DO ENTARDECER

AS HISTÓRICAS TABELINHAS ENTRE PAULO ROBERTO FALCÃO E OUTRO CRAQUE, JB SCALCO, CHEGARAM AO FIM COM A PRECOCE MORTE DO FOTÓGRAFO DE PLACAR, MESES DEPOIS DO CLIQUE ICÔNICO NO SARRIÁ

Por: Leandro Iamin*

JB Scalco, a serviço da revista: ele sabia, na hora do clique, se a foto seria boa

Não há formalidades entre Paulo Roberto e João Baptista. Os dois têm encontro marcado com a eternidade dali a dois dias, 17h15, na – atenção para o catalão fluente – Passatge de Forasté, onde fica o estádio de Sarriá, um dos 18 que a Espanha escolheu para receber partidas da Copa do Mundo de 1982. O que custa planejar, de véspera, uma ou outra coisinha para a história ficar mais legal? João Baptista, o Scalco, sugere a Paulo Roberto, o Falcão, que, em caso de gol no jogo contra a Itália, comemore voltado para as tribunas de rádio e TV, onde estará o fotógrafo amigo. O camisa 15 da seleção, tal qual Eder Aleixo dias antes, aceita o pedido, conhecidos que são dos tempos de fazer miséria no Beira-Rio, Falcão de chuteiras, Scalco com uma Nikon F-3 no pescoço, geralmente brincando com o limite entre a melhor foto e o desperdício, brincadeira na qual sempre saía tão vitorioso quanto o invicto Internacional de 1979, primeiro ano daquele ciclo mundialista que se fecharia na Copa do Mundo, nas mãos de Telê, no sonho de quem via o Brasil começando a se abrir e se livrar de um regime militar em colapso.

JB Scalco sabia, na hora do clique, se a foto seria boa. Antecipava a revelação. Era de se imaginar, portanto, que se anteciparia também aos fatos, posto que foi o primeiro a cantar premonitoriamente a bola do gol de Falcão – mas o horário não foi combinado, e não podia ser mais adequado: aos 27 do segundo tempo, quase 7 da noite em Barcelona, começo de fim de tarde naquela cidade, sol baixando posicionado em ângulo que, em Porto Alegre, fez de Scalco um consagrador dos segundos tempos, um homem cuja foto do jogo era também do pôr do sol, mas sem o sol, um domesticador de luzes, sujeito que, juram, nos domingos mais áridos fazia o astro-rei esperar um pouquinho suspenso no canto do céu até que sua foto saísse ao seu gosto. "Tem a foto? Posso ir?", diria o sol, pedindo permissão como um abajur servil. Ao gol: Falcão marca, é o empate e a classificação de um Brasil que, no fim, perdeu e não se classificou porque não soube ser pragmático o suficiente (ou porque o futebol não presta), e, nesse sentido, quem mais poderia ser o dono da foto mais icônica daquele time que não JB Scalco, também um incapaz de sucumbir ao pragmatismo em seu ofício?

Scalco trabalha contra si mesmo: a foto da comemoração do meia brasileiro, veias saltadas, euforia desesperadora, um alívio residual nos cantos dos olhos, é tão sincera e viva que não havia quem pudesse considerá-la fruto de um arranjo entre as partes – se é que Falcão lembrou mesmo, na hora do gol, de correr para onde correu. Falcão, atleta de elegância perene, estava, ali, transformado naquilo em que JB Scalco se transformava quando em serviço: um bicho eufórico com o que tem em frente, leve como um animal em seu hábitat natural, curioso e implacável, mas, num instante imediatamente posterior, de novo uma pessoa comum, João Baptista, 32 anos, doce com os amigos,

*Texto publicado originalmente em abril de 2018 na página Puntero Izquierdo

JB SCALCO

Veias saltadas: gol do Rei de Roma classificaria o Brasil contra a Itália, não fosse o terceiro de Paolo Rossi

grandão, simpático, vivo, contando, no jantar, antes de a foto ser revelada, com o entusiasmo dos convictos, que clicou Falcão "com as veias dos braços e do pescoço saltadas". Até encenou, à mesa, a foto que ganharia o mundo exatamente como descrita – nunca errava, o danado.

Três dias depois do desastre de Sarriá a Copa teria sua primeira semifinal, e Scalco, de folga, apareceu no Camp Nou, ainda Barcelona, para ver Itália x Polônia. Estava sem os cadarços dos tênis, tamanho era o inchaço em seus pés. Já não dava mais para atribuir o mês inteiro de desconfortos à lagosta comida em Portugal ainda no período de preparação da seleção para a Copa. A fuga era insustentável. O jornalista Alberto Helena Jr., com quem JB dividia quarto de hotel na Espanha, se queixou a Juca Kfouri: "O Scalco está tossindo a noite toda". Um pouco mais de foco no olhar e ficava nítido que o fotógrafo número 1 de Placar estava debilitado, menos atento, sempre cansado, esquecendo os filmes no hotel em dia de jogo. De Barcelona para Madri, da semi para a final, do hotel para o hospital. Scalco procurou o ambulatório da sala de imprensa do estádio Santiago Bernabéu, que indicou a ida imediata ao hospital de onde não sairia a tempo de trabalhar na partida decisiva entre Itália e Alemanha. Rodolfo Machado, fotógrafo do RJ, o substituiria, e coube a Juca o papel antipático, mas responsável, de garantir a palavra médica sobre o compreensível reflexo de rebeldia de JB. A suspeita era de febre amarela.

Kadão e Pedro Martinelli, amigos para além do mundo profissional, levaram ao hospital o jaleco de Scalco, para diverti-lo com fotos e alguma pequena farra, um motivo para rir. Kadão foi além, e levou a televisão de seu quarto de hotel para o amigo enfermo não perder aquela final. A estadia, porém, ainda duraria uma semana, custando a Juca Kfouri uma viagem adiada de férias pela Europa com a esposa – Juca visitou o amigo diariamente. O hospital concordou em liberá-lo para o Brasil, desde que em primeira classe, voando deitado e com algumas instruções para após o desembarque. Eram cuidados especiais para quem não tinha febre amarela, mas pericardite, uma inflamação na membrana que envolve o coração e diminui sua atividade, razão do cansaço e dos inchaços, doença que impediria Scalco de ver outra Copa do Mundo – ou, na verdade, de ver seus filhos, aguardados por quase uma década ao lado da esposa Liliana, crescerem – os malucos por futebol contam o tempo por Copas do Mundo, não por anos de vida, né?

Na volta ao Brasil, o filho Mariano, de quase 2 anos, entediado na salinha especial por onde JB chegaria, saiu correndo contra o fluxo de pessoas tal qual o pai quando se posicionava na contramão da concorrência para fotografar um jogo. Entre pernas e corpos e bagagens rolantes maiores que ele, Mariano conseguiu identificar o pai, que igualmente desobedeceu a ordem médica e caminhava pela saída normal, não pela especial na qual um enfermo como ele deveria sair. Começava ali um período de casa, medicamentos e repouso, gradativamente substituídos por concessões indevidas que foram se tornando constantes, uma visita à redação, um passeio com amigos, uma ida ao estádio para torcer por seu clube do coração, a irresistível sensação de que está tudo bem, mesmo que não esteja: a pericardite chamou Scalco de volta, agora para o centro cirúrgico, mas ainda assim as coisas seriam nos seus termos. Mesmo com o melhor hospital de São Paulo à disposição, JB optou, irredutível, pelo médico e pelo hospital de sua confiança, mais modesto, menos equipado – e quem pode discutir com alguém tão confiante de seus métodos?

Confiança: JB Scalco foi figura crucial na solução do sequestro de um casal de uruguaios e suas duas crianças, ação de natureza clandestina da Operação Condor, que unia as ditaduras de Brasil e Uruguai, em 1978 – também ano de Copa. O homem e as duas crianças já estavam detidos, a caminho do Uruguai. A mulher estava na casa em que, ao lado do jornalista e amigo de fé Luiz Claudio Cunha, JB visitou graças a um telefonema anônimo recebido por Luiz. Scalco confiou na memória literalmente fotográfica para reconhecer um dos milicos que os receberam na casa. Tratava-se de Didi Pedalada, ex-Internacional, jogador que virou escrivão da polícia após encerrar carreira e estava ali em atividade suspeitíssima, imediatamente um fio solto na história que só quem trabalhava com futebol poderia notar, ponto de partida de um caso que ganhou o mundo e se espreguiçou por longos dois anos de apuração, investigação e desfecho feliz, ou ao menos sem mortes: o tes-

AS LENTES DE 400 MM, SENTADO COM A BUNDA NA GRAMA DE FRENTE PARA O SOL, EQUIVALEM TALVEZ A UM PILOTO QUE ESCOLHE PILOTAR COM PNEUS DE CHUVA EM UMA PISTA SECA

JB SCALCO

Início da parceria: o guri colorado em 1972

temunho dos jornalistas desconcertou o propósito secreto da operação e deu à dupla o Prêmio Esso de jornalismo. Uma das mais fortes histórias do jornalismo nos anos de chumbo, sem arte, sem ângulo e sem governo.

As lentes de 400 mm de JB Scalco, sentado com a bunda na grama de frente para o sol, equivalem talvez a um piloto que escolhe pilotar com pneus de chuva em uma pista seca – e vence! O latifúndio do Olímpico Monumental não cabia no estreito foco de uma 400 mm, a não ser que você fosse um tipo diferente de profissional. O entardecer do Beira-Rio, com torcedores protegendo os olhos com as mãos, era dourado só dentro de sua máquina com filmes coloridos. Fazer alguma coisa diferente era urgente em algum lugar do imaginário popular brasileiro, exausto das duas décadas de voz embargada, e a seleção de 1982 foi, nesse sentido, aquilo que jogou, mas também aquilo que permitiu sonhar. Foram as fotos de uma final que não jogou, fotografadas por um JB Scalco que não estaria lá de toda forma. A seleção de Zico, Sócrates, Falcão, Leandro, Júnior e tantos outros não poderia ter um fotógrafo mais adequado: de vida breve, como foi a vida daquela seleção, mas tão forte, ainda hoje, no que tinha de humano e no que construiu de estético, artístico, belo.

João Baptista Scalco Pereira morreu em 3 de maio de 1983, após problemas operatórios que o levaram a um angustiante período em estado de coma. Em seu editorial na Placar seguinte, Juca Kfouri definiu Scalco como alguém "que sempre tinha uma ideia melhor". Por isso, um inquieto. Um perseguidor da perfeição estética, como suas fotos mostram, mas também da verdade, tal qual sua atuação no caso do sequestro dos uruguaios aponta. Dos que aqui ficaram e aqui estão, amigos, ex-chefes, viúva, a brutal saudade e os adjetivos ditos mexem com quem precisou ouvi-los e tem, afinal, a mesma idade do fotógrafo quando morreu. As veias saltadas de Falcão em Sarriá não duraram mais do que cinco ou seis segundos, e JB as tornou eternas. É parecida a missão daqueles que não sabem fotografar como um Scalco, mas entendem de saudade como ninguém desde 3 de maio de 1983. ■

MUITO ALÉM DE PELÉ E MANÉ

JORNALISTA FOI ATRÁS DA EXPLICAÇÃO PARA CURIOSOS APELIDOS DE MAIS DE 800 JOGADORES DO FUTEBOL BRASILEIRO E REUNIU TODOS EM UMA ESPÉCIE DE DICIONÁRIO

Edson era Pelé. Manoel, Mané. Mas quais são "as origens de mais de 800 nomes que você se acostumou a falar sem saber o motivo"? Essa foi a indagação que serviu de ponto de partida para o ***Dicionário dos Apelidos do Futebol Brasileiro***, do jornalista Claudio Gioria. Disposto em formato de dicionário, mesmo, o livro traz uma ficha técnica de cada jogador e explicações da origem do apelido apuradas em publicações esportivas e entrevistas com os próprios jogadores e familiares. PLACAR reproduz oito desses apelidos de histórias curiosas.

Dicionário dos Apelidos do Futebol Brasileiro, de Claudio Gioria, 212 páginas, R$ 41,84 (vendas pelo site www.loja.uiclap.com/titulo/ua66112/)

GARRINCHA
Manoel dos Santos
28/10/1933, em Magé (RJ)
Ponta-direita

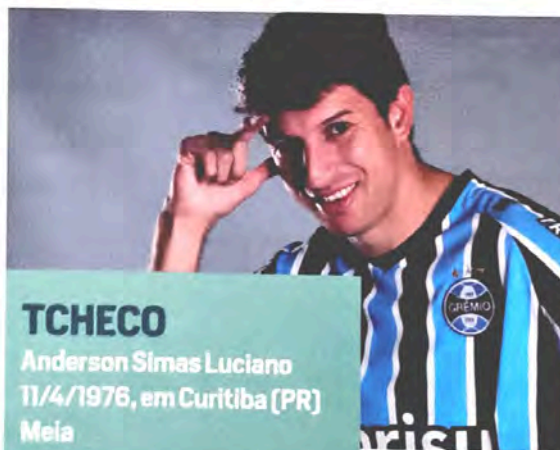
APELIDO: Sua irmã Rosa foi a primeira a notar a semelhança de Manoel com um garrincha e começar a chamá-lo desta forma. Garrincha ou garricha (também chamado de cambaxirra no Nordeste) é um pássaro pequeno, marrom, que canta bonito e não fica em cativeiro, comum em Pau Grande (RJ), que fica em um dos distritos de Magé (RJ), cidade natal do jogador. Aos 4 anos, familiares e amigos já o chamavam desta maneira. Começou a ser chamado de Mané pela imprensa em 1957, que repetidamente unia o Mané ao Garrincha, chamando-o de Mané Garrincha. Também conhecido como Alegria do Povo, por seu futebol alegre, e Anjo das Pernas Tortas, por ser uma pessoa de fácil trato e ter as pernas arqueadas. Quando criança em Pau Grande, era chamado de Camisinha, por sempre estar com a mesma camisinha de meia, com o umbigo de fora.

QUEM É: Um dos maiores jogadores da história do futebol mundial. Defendeu o Botafogo (RJ) com sucesso. Depois jogou no Corinthians, Portuguesa (RJ), Atlético Junior (COL), Flamengo, Olaria e Milionários (COL). Foi tricampeão carioca e do Torneio Rio-São Paulo e bicampeão mundial pela seleção brasileira, em 1958 e 1962. Morreu em 20 de janeiro de 1983.

PELÉ

[illegible] Arantes do Nascimento
[illegible]1940, em Três Corações (MG)
[illegible]

APELIDO: O apelido mais famoso do mundo começou a tomar forma no sul de Minas Gerais, no lugarejo de Don Viçoso, como contou a revista Placar. O filho da dona de casa Maria Rosalina, José Lino, não havia pronunciado uma única palavra após dois anos de vida. Com a missão de "curá-lo", benzedeiras iam até a casa de Maria, onde oravam durante horas e recitavam para o bebê a famosa frase "Bilu-bilu, teteia". Certa noite, o garoto finalmente falou. O que saiu foi algo como "bilé". Virou o Bilé, que mais tarde se tornaria jogador no Vasco da Gama, da cidade de São Lourenço (MG), onde também jogava João Ramos do Nascimento, o Dondinho, pai de Pelé. Dondinho levava o filho aos treinos e chutava bolas para o garoto pegar no gol. Edson falava que queria ser como Bilé, o goleiro do time. Quando defendia uma bola, gritava "Boa, Bilé!" ou "Grande defesa, Bilé". O garoto Edson acabava, na verdade, não falando Bilé, mas Pilé. De Pilé virou Pelé, apelido que pegou, segundo o próprio jogador, porque brigou no colégio para pararem de chamá-lo daquela forma
[...]

QUEM É: Maior jogador da história, faz carreira no Santos, pelo qual foi bicampeão mundial, bi da Libertadores, 11 vezes campeão estadual, penta da Taça Brasil, tetra do Torneio Rio-São Paulo e uma vez do Robertão. No fim da carreira, defendeu o Cosmos e ainda ganhou o Campeonato Norte-americano. Jogou quatro Copas do Mundo e ganhou três. É o maior artilheiro da história do futebol mundial, com 1 281 gols, e o maior da história da seleção brasileira, com 95 gols (77 em partidas oficiais). Morreu em 29 de dezembro de 2022.

TCHECO

Anderson Simas Luciano
11/4/1976, em Curitiba (PR)
Meia

APELIDO: Anderson tinha uma vizinha gaúcha que vivia falando "tchê". Quando começou a falar, por volta de 2 anos, Anderson começou a repetir a palavra, de tanto que a escutava. Sua avó então começou a chamá-lo de Tchê, que acabaria virando Tcheco.

QUEM É: Estourou no futebol brasileiro com a camisa do Coritiba. Defendeu também Paraná, Esportivo (RS), Malutrom (PR), Santos, Al-Ittihad (ARA), Grêmio e Corinthians. Foi campeão estadual por Coritiba e Paraná. Virou treinador.

PICASSO

Ronei Paulo Travi
7/5/1939, em Canela (RS)
Goleiro

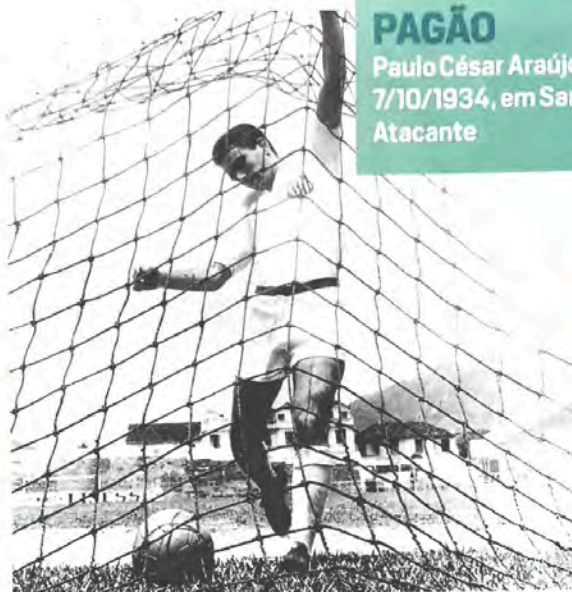
APELIDO: Em sua terra natal, Canela (RS), quando criança, Picasso jogava bola em um campinho de terra. Como suava, a poeira acabava grudando em seu corpo e o deixava numa cor semelhante a um cavalo picarço (ou picarso). A palavra picarço é usada para se referir a animal malhado de preto e branco ou na cor grisalha. O apelido teria sido dado por um tio de Ronei e acabou sendo adaptado para Picasso. Até depois de encerrar a carreira, segundo Ronei, as pessoas se surpreendiam ao saber que Picasso não é sobrenome.

QUEM É: Gaúcho, começou a jogar no Cruzeiro (RS). Transferiu-se para o Palmeiras, onde foi campeão paulista. Defendeu ainda Prudentina, Juventus, São Paulo, onde foi bicampeão paulista, Bahia, Athletico (PR), Grêmio e Santa Cruz, onde foi campeão estadual e encerrou a carreira. Chegou à seleção brasileira.

TOSTÃO

Eduardo Gonçalves de Andrade
25/1/1947, em Belo Horizonte (MG)
Meia-atacante

APELIDO: Desde pequeno, jogava com garotos maiores, o que acabou lhe rendendo o apelido de Tostão. Entre 1918 e 1935, com o objetivo de facilitar o troco, foi cunhada uma série de moedas para substituir cédulas de pequenos valores e moedas antigas. A moeda de 100 réis desta série ficou conhecida como tostão, nome que acabou ficando associado a moeda de baixo valor. Daí a relação com Eduardo, um pequeno entre os maiores.

QUEM É: Maior jogador da história do Cruzeiro, clube que defendeu nos anos 60 e 70, após passagem pelo América (MG). Encerrou a carreira no Vasco. Pentacampeão mineiro e campeão da Taça Brasil, foi titular da seleção brasileira na conquista do tri, em 1970. Jogou também a Copa de 1966.

PAGÃO

Paulo César Araújo
7/10/1934, em Santos (SP)
Atacante

APELIDO: Paulo César Araújo ganhou o apelido Pagão ainda criança, pela demora para ser batizado, o que só aconteceu quando ele já tinha 4 anos. Também conhecido como Canela de Vidro, pois se machucava com frequência.

QUEM É: Um dos maiores parceiros de Pelé no Santos, iniciou a carreira na Portuguesa Santista e de lá seguiu para o Peixe, onde foi pentacampeão paulista e campeão do Torneio Rio-São Paulo e da Taça Brasil. Defendeu também o São Paulo e retornou à Briosa para encerrar a carreira. Chegou à seleção brasileira. Morreu em 4 de abril de 1991.

BIGODE

João Ferreira
4/4/1922, em Belo Horizonte (MG)
Lateral--esquerdo

APELIDO: Bigode ganhou o apelido aos 8 anos. "Lá no bairro em que eu morava havia um doido, desses com os quais as crianças não param de mexer. Ele ficava perturbado quando nós, moleques, o chamávamos de 'Bigodinho de Arame'. Um dia, provocado ao máximo, Bigodinho conseguiu me encurralar e me aplicar uma tremenda surra. Foi o bastante para que o apelido dele se transferisse para mim", explicou Bigode, em entrevista à revista *Manchete Esportiva* de 13 de dezembro de 1977.

QUEM É: Nascido em Belo Horizonte, defendeu o Atlético (MG) de 1940 a 1943. Depois, só jogou no Rio de Janeiro, por Fluminense e Flamengo. Foi campeão estadual no Galo e no Tricolor. Campeão sul-americano pela seleção brasileira em 1949, jogou a Copa do Mundo de 1950 e carregou o peso de ter levado um suposto tapa do uruguaio Obdulio Varela na final daquele Mundial. Morreu em 31 de julho de 2003.

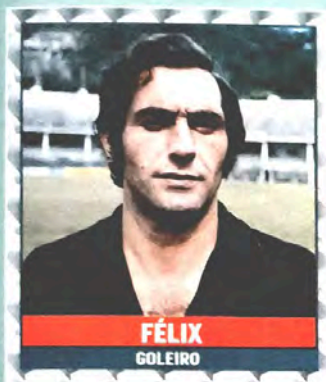
EMERSON SHEIK

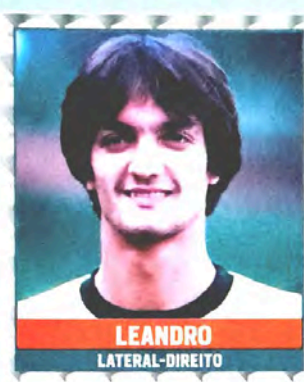
Márcio Passos de Albuquerque
6/12/1978, em Nova Iguaçu (RJ)
Atacante

APELIDO: Passou a ser conhecido como Emerson porque teve sua idade adulterada para conseguir vingar no futebol. Virou Marcio Emerson Passos e passou a ter três anos a menos, abrindo as portas para jogar no São Paulo. O caso foi descoberto anos mais tarde, mas ele já era o Emerson no futebol. O Sheik veio depois, quando retornou ao Brasil para jogar no Flamengo. Por ter vindo do futebol do Catar, ganhou o apelido com essa grafia, mesmo que em português a palavra é xeque ou xeique.

QUEM É: Começou no São Paulo e logo seguiu para o futebol japonês. Passou cinco temporadas no Al-Sadd, do Catar, e retornou para o Brasil dez anos depois de deixar o país, para jogar no Flamengo. Teve rápida passagem pelo Al Ain (EAU), retornando ao Brasil para defender Fluminense, Corinthians, Botafogo e novamente Flamengo. Naturalizado catariano, foi campeão brasileiro e carioca pelo Flamengo e brasileiro pelo Fluminense, mas foi no Corinthians o seu auge, com mais um título brasileiro, um Paulista, uma Recopa, uma Libertadores e um Mundial. Foi o herói do título da Libertadores de 2012 do Corinthians ao fazer os dois gols da vitória sobre o Boca Juniors na decisão. ■

'DAVA PARA COLOCAR SÓ O SÃO PAULO DE 92 E 93'

ATACANTE BICAMPEÃO MUNDIAL COM O TRICOLOR LEMBRA COM CARINHO DO HISTÓRICO TIME DE ZETTI, RAÍ E MULLER, MAS PREFERE ESCALAR SUA SELEÇÃO COM CRAQUES DE DIFERENTES ÉPOCAS

FÉLIX
GOLEIRO

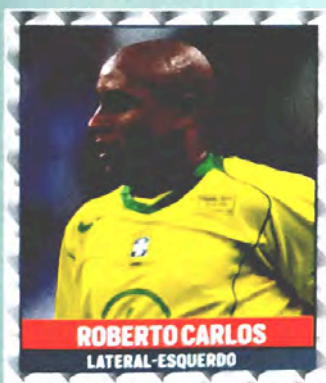
Marcou história no tricampeonato mundial no México, em 1970. Representa muito a camisa da seleção brasileira e é ídolo do Fluminense

LEANDRO
LATERAL-DIREITO

Era realmente um lateral completo para a época dele. Defendeu só o Flamengo na carreira e conquistou muitos títulos. Tem muita história

PIAZZA
ZAGUEIRO

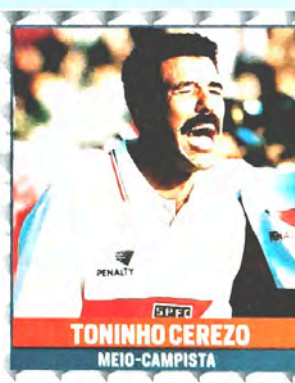
Quando eu era menino, adorava vê-lo jogar pelo Cruzeiro. Piazza era um capitão, um líder mesmo dentro de campo, e marcou época no futebol

MOZER
ZAGUEIRO

Grande defensor, formava a zaga de um time que está na memória de muitos torcedores, o Flamengo campeão da Libertadores e do Mundial

ROBERTO CARLOS
LATERAL-ESQUERDO

O Brasil teve vários grandes laterais, mas a longevidade dele na seleção brasileira merece todo o nosso respeito. Foi fantástico

MAURO SILVA
MEIO-CAMPISTA

Foi um tremendo volante. Cuidava muito bem da defesa. Sempre admirei o jogo dele e a liderança que exercia dentro de campo

TONINHO CEREZO
MEIO-CAMPISTA

Tive o prazer de jogar e ser campeão com o Toninho no São Paulo. Foi um cara com quem aprendi demais, tanto dentro quanto fora de campo

GÉRSON
MEIO-CAMPISTA

O Canhotinha de Ouro. Já pensou nele fazendo os lançamentos para os meus atacantes? Esse é um que não poderia faltar no meu time

RIVELLINO
MEIO-CAMPISTA

Outro que tinha muita visão de jogo, coordenava o meio de campo como ninguém, sem falar no chute fortíssimo. Craque de bola

ZICO
ATACANTE

O Galinho foi o mais próximo que tivemos do Pelé. Era muito criativo dentro de campo, tinha o drible, o passe e fazia muitos gols também

PELÉ
ATACANTE

Não precisaria nem de justificativa. É o Rei e ponto final. O maior jogador de futebol de todos os tempos, não tem discussão

TELÊ SANTANA
TÉCNICO

Essa é fácil, tem que ser o Telê. O comandante do bi mundial do São Paulo foi, simplesmente, o maior treinador que esse país já teve

CARTOLOUCO

NÃO MATEMOS O JORNALISMO

"As histórias resolvem-se nas ruas, não em cadeiras das sucateadas redações ou por trás dos *ringlights* de suas próprias casas"

Esta coluna é uma nota de óbito. Ou quase isso. É com grande pesar que comunico que um ente querido, tão aclamado e valorizado um dia, está em estado terminal: o jornalismo esportivo no Brasil.

"Brasileirão pela Cazé TV tem 7 cotas de patrocínios fechadas a R$ 67 milhões cada". "Disney prepara venda da ESPN, 7 mil serão demitidos e R$ 28 bilhões em custos serão cortados".

Descobriram que o jornalismo esportivo é dinheiro. Um mercado bilionário onde as boas histórias perderam totalmente o espaço em troca das baratas opiniões e da guerra pelos direitos de transmissão.

Liga-se a televisão. Programa de debate. Pula um canal. Mesa-redonda. Joga para o outro. Gritaria. Tenta mais um. A mesma fórmula. Mudam-se os atores, assiste-se ao mesmo. Algumas cadeiras, um estúdio gelado, opiniões polêmicas. Corta e joga na rede social.

Um dia o gol do jornalismo esportivo foi o furo. Hoje é quanto você consegue viralizar para sobreviver no abarrotado mundo do tudo igual.

Opinar é mais barato.

Sentar e opinar não paga passagem, hospedagem e produção. Não há mais reportagem esportiva. Mataram os "Expressos da Bola", "Brasil da Copa do Brasil" e "Grandes Momentos do Esporte". Perderam-se as histórias que jamais as tardes da Globo irão te contar.

A Série D do Brasileirão não vende. Quem sonha em ganhar 1 500 reais por mês vivendo em condições precárias? O mundo real do futebol não é interessante.

É mais fácil vender a rara ilusão de ser Neymar ou Gabigol. Esconder a atrocidade que é a realidade do futebol neste país é uma escolha. A mídia faz questão de esquecer os esquecidos. A finada reportagem esportiva faz sangrar. E eles não querem isso.

A culpa não é só dos canais. Parte da classe jornalística tem preguiça da arte de sujar os sapatos. Dá trabalho vender pauta boa aos chefes que são mais pressionados a economizar dinheiro do que a entregar grandes matérias. Dá trabalho olhar para trás e caçar as inúmeras histórias que não acontecem dentro de campo em um estádio de futebol. É mais fácil chegar na redação, fazer um texto incrementadinho para cobrir as imagens do cinegrafista e boa noite.

As histórias resolvem-se nas ruas, não em cadeiras das sucateadas redações ou por trás dos *ringlights* de suas próprias casas.

Reclama-se das assessorias de imprensa. A extrema blindagem. Sim, ela existe.

Mas como confiar em uma mídia que se propõe muito mais a criticar do que a enxergar que existe uma pessoa por trás do golaço ou do erro fatal? Pede-se mais autenticidade dos jogadores. Mas os criticam no dia seguinte por fazê-lo. A imprensa mata quem os sustenta.

Como derrubar o enorme muro entre jornalistas e jogadores que existe hoje? Aproximando-se deles, em zonas mistas, coletivas. O ar-condicionado do estúdio é mais cômodo para os opinadores. Não se tenta legitimamente quebrar a barreira.

Cadê a Rebeca Andrade? Os banidos da máfia das apostas vivem hoje de quê? Não se sabe. Eles eram só os produtinhos do momento. Descartados e esquecidos quando os *likes* já bastaram.

Esquecidos como as inúmeras opiniões com que somos bombardeados todos dias. Esquecidos como as grandes reportagens do que um dia já foi o jornalismo esportivo brasileiro.

Às grandes corporações de mídia: troquem o dinheiro fácil pelas histórias humanas. A tampa do caixão está na mão de vocês. Não matem o jornalismo esportivo. ■

Vila Belmiro: a beleza por trás de uma noite chuvosa na arquibancada

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Lucas Strabko, o Cartolouco, é um jornalista que ainda faz reportagens. Trabalhou no Lance! e na Globo. Hoje tem o Canal Cartoloucos, no YouTube